N.º 32 / MAIO 1974 / ANO III

revista da ARMADA

sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
M. Horta	**Efemérides Navais** O Corpo de Marinheiros é Agraciado com a Torre e Espada	4
S. Trigó	**E do Mar Surgiram Cinzas**	5
S. Elpídio	**A Pátria Honrai**	6
L. Marques	**O Medo e o Dever**	7
M. do Vale	**Saibam Todos**	7
S. Cabeçadas	**Ultramar** «Navegando» do Índico ao Lago Niassa	8
M. Horta	**Notícias Pessoais**	12
O. Lemos	**Ciências, Artes e Letras** Uma Sonda Espacial na vizinhança de Júpiter	13
S. Elpídio	**Terminologia Naval**	15
Redacção	**Voz da Abita**	16
G. Brandão/V. Pinto	**Filatelia**	17
S. Oliveira	**Desportos**	18
O. Lemos/D. Figueiredo	**Curiosidades**	22
S. Elpídio	**Reportagem**	24
S. Machado	**Quarto de Folga**	32

Lagos *(Foto do subten. RN Luís C. Gaspar)*

REVISTA DA ARMADA
Publicação Oficial
do Ministério da Marinha

Director e Editor:
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernani Lopes

Publicação mensal

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Ministério da Marinha
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º32 / MAIO DE 1974 / ANO III

Preço de venda avulso	5$00
Assinaturas anuais:	
Continente, Ilhas, Ultramar, Espanha e Brasil (via normal)	50$00
Estrangeiro, excepto Espanha e Brasil (via normal)	68$00
Ilhas (via aérea)	75$00
Ultramar (via aérea)	137$00

Na capa:

Reabastecimento no mar.

(Foto de A. Fernandes, Fotog. do Gab. de Fotogr. do EMA)

Execução gráfica:
LISGRÁFICA, Impressão e Artes Gráficas, S. A. R. L.

nota de abertura

A HISTÓRIA DOS NAVIOS

A história dos navios não se faz só com extractos das «Ordens» e dos «Diários do Governo». Essa é a história oficial, a história inexpressiva das datas e números, que fica nos ficheiros. A outra, a história do binómio navio-guarnição, como um ser vivo dotado de alma e coração, essa é bem diferente e fica na memória do povo. A primeira é fácil de fazer, resume-se a um trabalho de compilação, mas a segunda escrevem-na os que por lá passam, com o seu suor, as suas alegrias e tristezas e, quantas vezes até, com o próprio sangue.

O cruzador «Adamastor» que, para vir morrer a casa, fez uma viagem do Extremo Oriente que foi uma verdadeira epopeia; o caça-minas «Augusto Castilho» que se sacrificou heroicamente para salvar um navio mercante que navegava sob a sua protecção; o aviso «Afonso de Albuquerque» a a lancha «Vega» que socumbiram contra forças esmagadoramente superiores...

É tão bonita a história dos navios!

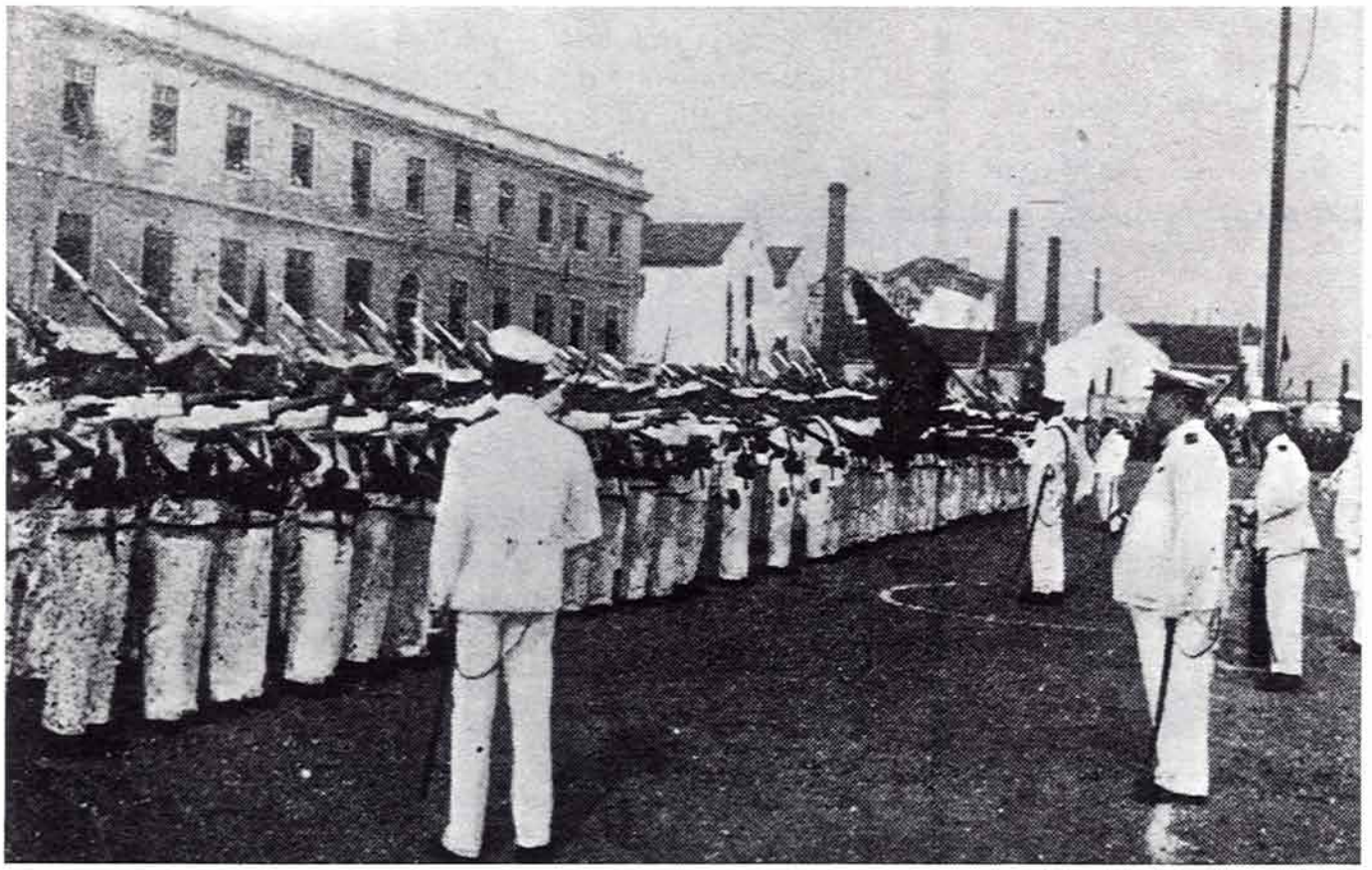
Com.

Efemérides Navais

O Corpo de Marinheiros é agraciado com a Torre e Espada

O Presidente da República, dr. António José de Almeida, recebe as honras militares das forças em parada no Quartel de Marinheiros, em Alcântara, por ocasião da entrega da Torre e Espada ao Corpo de Marinheiros e do juramento de bandeira de praças, em Agosto de 1921.

O Chefe do Estado coloca na bandeira do Corpo de Marinheiros as insígnias da Torre e Espada.



Acto do juramento de bandeira.

M. Horta
Sarg.-aj. L

E do MAR
Surgiram Cinzas

... perto e também distante, ante mim estava o mar.

(Foto de M. Horta, sarg.-aj. L)

Imenso, perto e também distante, ante mim, estava o mar. As minhas mais remotas e gratas recordações de infância estavam repletas dele. Olhá-lo, era viver. Uma praia pequena e suja, o Tio Lino e a sua modesta casa, constituiam naquela época todo o meu mundo. Como eu gostava do velho Tio Lino. Lembro-me do seu cachimbo, das suas crespas barbas e do seu orgulho de marinheiro brioso e experiente.

Quando a terra se quedava muda, esperando o novo dia, e se ouvia apenas o falar das águas, eu escutava-o cheia de curiosidade. Conheci o mundo através dele. Certa vez falou-me de Macau. Notei, com surpresa, que a sua face enrugada se agitava e ganhava vida. Num decorrer de lembranças, surgiram as figuras de outros seres: o Joaquim Parafuso – também marinheiro –, que por lá ficara muitos e muitos anos; Tuli, a refugiada chinesa que com ele casara, e Tang, a linda filha de Macau que o velho Tio Lino amara, mas não quisera que terras do continente vissem.

Eu, devido aos poucos anos que ainda tinha, não me apercebi dos estranhos sentimentos que o invadiam, quando a recordava. Hoje, entendia-o. Penoso é lembrar o bem que algum dia se teve. E ele não encontrara, na figura apagada daquela a quem se ligara, o encanto doce e calmo do amor de Tang. Amara o seu corpo jovem e exigente. Restavam-lhe agora lembranças para alimentar a vida que bulia ainda dentro de si.

O velho estava só. A mulher partira há muito. Filhos não tivera. Algures, perdido na terra, não sei onde, existia talvez alguém que era carne da sua carne. Mas isso não era pertença sua, era de Tang somente. Ao Tio Lino apenas restava o mar, esse companheiro de tantos anos. O mar, e aquela a quem com minúcia e paciência desvendava os segredos dessa imensidão formada de cambiantes de azul e verde. Ambos amávamos o mar. E como todos que o amam, sentíamos essa comunhão no sangue, enquanto as marés nasciam e morriam, sem cessar.

«O mar», dizia ele, «tem algo de misterioso. Num repente, aquilo que era só serenidade, transforma-se em terrível temporal.» Bem se lembrava do que acontecera ao «Peregrino II». O navio partilhara não só o nome com o seu antecedente mas também a má sorte que o acompanhara. Jazia agora, corpo sem préstimo, inerte sob as águas profundas.

O velho contara-me isto e muito mais. Estou a ouvi-lo e a saudade invade-me enquanto o eco dos seus dizeres parece soar novamente na minha imaginação. Um dia, quando tornei para navegar sobre as ondas das palavras do Tio Lino, quedei-me fitando uma pequena multidão que se aglomerava diante de sua casa. Não era usual. Surpreendi-me. As pessoas ignoravam-no, como ignoram tantas outras coisas que compõem o mundo em que habitam. A casa estava deserta. O velho desaparecera. Passado o primeiro instante de frustração e tristeza perante o facto consumado, uma súbita e insólita alegria me foi invadindo. Vi rostos inquietos e interrogativos, a fitar-me. Sorri, enquanto lágrimas rebeldes teimavam em aflorar-me aos olhos. O velho perdera-se na voragem das ondas. O mar havia-o recebido nos seus braços ciosos, longos e amantes. Ele sempre havia desejado acabar assim.

Mentalmente, elevei aos céus uma prece para que não fosse devolvido à terra aquele corpo que vivera sobre as águas e sob elas queria ficar. Para um marinheiro não era findar, mas sim começar de novo. Ficaram as suas poucas coisas. Sobre a cama, o fato negro da mortalha.

Lentamente, os meus passos encaminharam-me para longe de tudo e todos. Para trás ficara a praia pequena e suja e a lembrança do Tio Lino e da solidão da sua casa. Encerrava-se assim parte da minha própria vida.

E a tarde findou. Um amálgama de sons chegava-me cada vez mais indistinto. Uma indelével sensação de tranquilidade foi-me possuindo e de súbito, sem ser esperado, um apelo surdo mas perceptível fez-se ouvir no rolar das vagas. Tornei a olhar o mar, e ante os meus olhos abertos de espanto dele surgiram esvoaçantes e trémulas, cinzas – cinzas das minhas recordações.

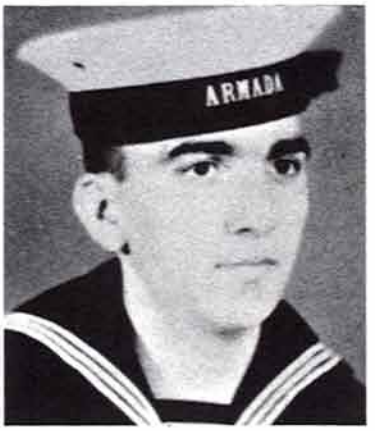
Depois, ante mim, perto e também distante, só ficou o mar.

N. R. – *O Tio Lino e a autora deste artigo podiam muito bem ser avô e neta...*

Sofia Trigó

3.º oficial do Q. P. C. M. M.

a Pátria honrai



A atribuição da medalha da Cruz de Guerra de 4.ª classe foi o justo prémio concedido ao marinheiro fuzileiro especial 1526/66 FRANCISCO MARTINS AFONSO, pelas suas excelentes qualidades profissionais, humanas e de trabalho, dedicação ao serviço, coragem, determinação e sangue frio em combate, que o creditam como um militar de elevado mérito.

Exercendo as funções de moço da botica e substituindo muitas vezes o enfermeiro da sua unidade, revelou elevado grau de conhecimentos de enfermagem, de modo a merecer do comando e dos próprios camaradas uma total confiança no seu saber, aliada a grande consideração e amizade pela sua pessoa; para além disto, soube sempre o marinheiro AFONSO ser um militar brioso e cumpridor, demonstrando enorme vontade de cooperar e elevada dedicação ao serviço.

Sob o ponto de vista operacional, além da sua acção como moço da botica, distinguiu-se numa operação em que, reagindo prontamente a uma emboscada inimiga, demonstrou invulgar espírito de decisão, coragem, serenidade e sangue frio em combate, empolgando pelo seu comportamento os camaradas a segui-lo, conseguindo pôr o inimigo em fuga e causando-lhe uma baixa e a apreensão de armamento.

N. R. – *O marinheiro AFONSO é natural de Cardoso, concelho de Oleiros, distrito de Castelo Branco.*

O Medo e o Dever

Quem não tem tido medo no desempenho de missões arriscadas? Quem nelas não se sentiu – por fugazes momentos que seja – desprovido dos vãos liames que nos prendem à terra? É que o próximo passo pode ser o primeiro de um novo caminho!

E assim, quando o pessoal da Armada, em Angola, Guiné ou Moçambique arranca para missões de guerra, nunca sabe o que pode acontecer – ou se sabe, evita admitir.

Cumprida a missão, cumpriu-se o dever. Com guerra ou sem ela o dever impõe-se. A dignidade da praça, do sargento, do oficial, obriga. A dignidade da Corporação, exige.

A Armada tem um regulamento de honra que vem de há séculos, sempre actualizado pelos seus heróis, mártires e demais varões ilustres; uma dignidade que lhe é conferida por todos e por cada um dos seus elementos, sempre e em toda a parte.

Por isso, a dignidade da Armada é atingida quando o é a dignidade de um dos seus membros: oficial, sargento ou praça. É que para além dos homens da Armada, com as suas limitações, estão oito séculos de História, que avultam e se impõem, devendo ser eles o motivo da nossa consideração, orgulho e respeito.

Por isso, qualquer que seja o posto e o cargo dos homens da Armada, não pode haver medo ou hesitação no cumprimento do dever. E se os há, têm de ser muito bem disfarçados.

Lopes Marques
Com.

saibam todos

Que durante o ano de 1973 a Força Aérea Portuguesa transportou para o Ultramar (S. Tomé, Angola e Moçambique) 20 959 exemplares da «Revista da Armada», em 135 volumes com o peso total de 1900 kg. Pelo facto estamos-lhe muito gratos.

Que no mesmo período, e por intermédio da Polícia Marítima de Lisboa, vários navios da Marinha de Comércio transportaram para Cabo Verde e Guiné 10 083 exemplares, em 61 volumes com o peso total de 1037 kg. Estamos-lhe, igualmente, muito gratos.

Que no referido ano, através dos CTT, por via aérea, foram remetidos para Macau e Timor 508 exemplares da Revista.

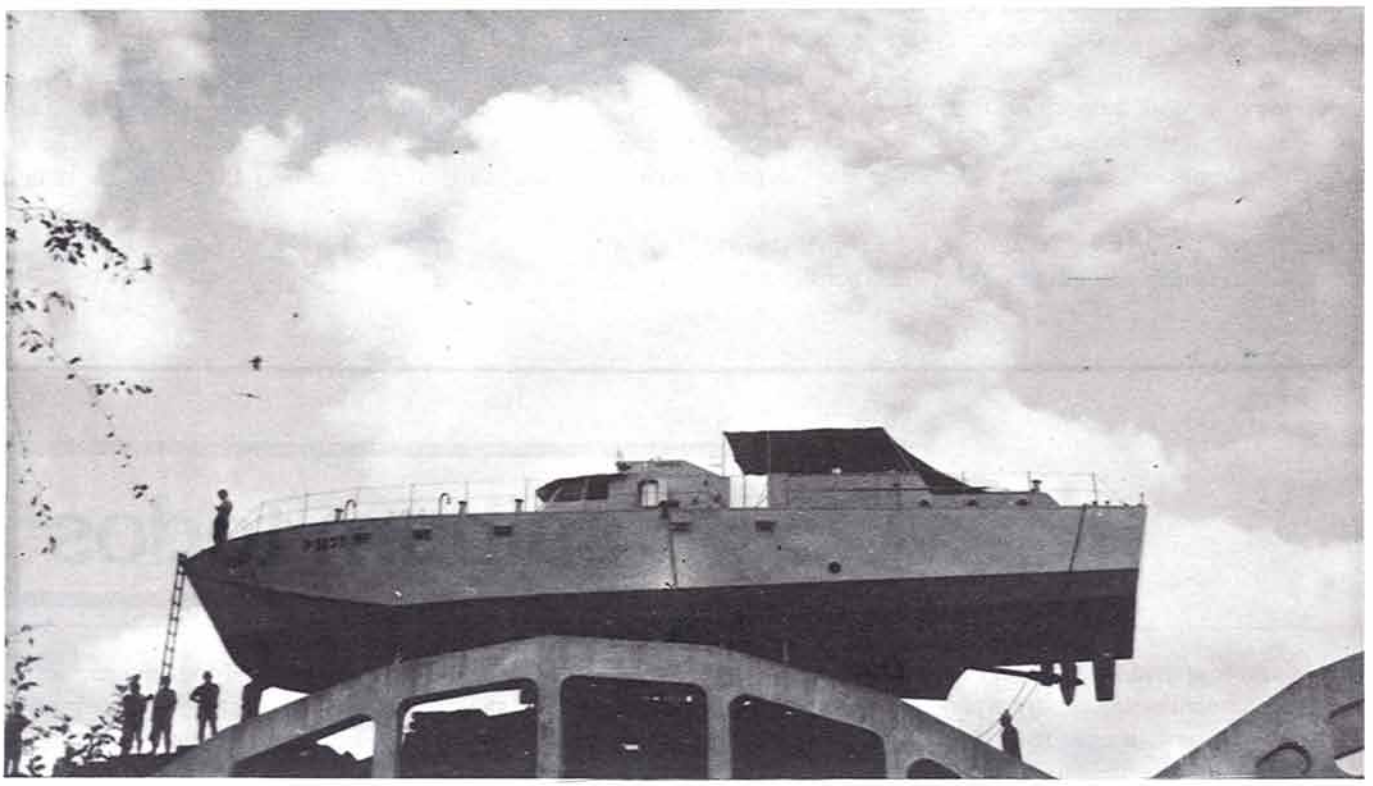
Que a «Revista da Armada» contava em 1 de Janeiro do ano corrente 279 assinantes e em 31 de Março 376.

Que um pescador da cidade de Santa Cruz de Cabralia, no Brasil, encontrou uma velha âncora com 1,8 metros e pesando 60 quilos que parece ter pertencido à esquadra de Pedro Álvares Cabral. Só depois de analisada por peritos se decidirá se efectivamente tem os 474 anos que lhe atribuem. Como se sabe, Santa Cruz de Cabralia e Porto Seguro reivindicam cada uma delas ser o primeiro local da costa brasileira onde aportou Pedro Álvares Cabral.

Que segundo o especialista moçambicano António Manuel Ribeiro, a costa de Moçambique possui a mais vasta gama de peixes tropicais de todo o Mundo.

Que na última reunião de assembleia geral da Casa dos Portugueses em Madrid, realizada em 20 de Março p.p., foi aprovado por unanimidade um voto de agradecimento à «Revista da Armada».

"NAVEGANDO" do Índico ao Lago Niassa



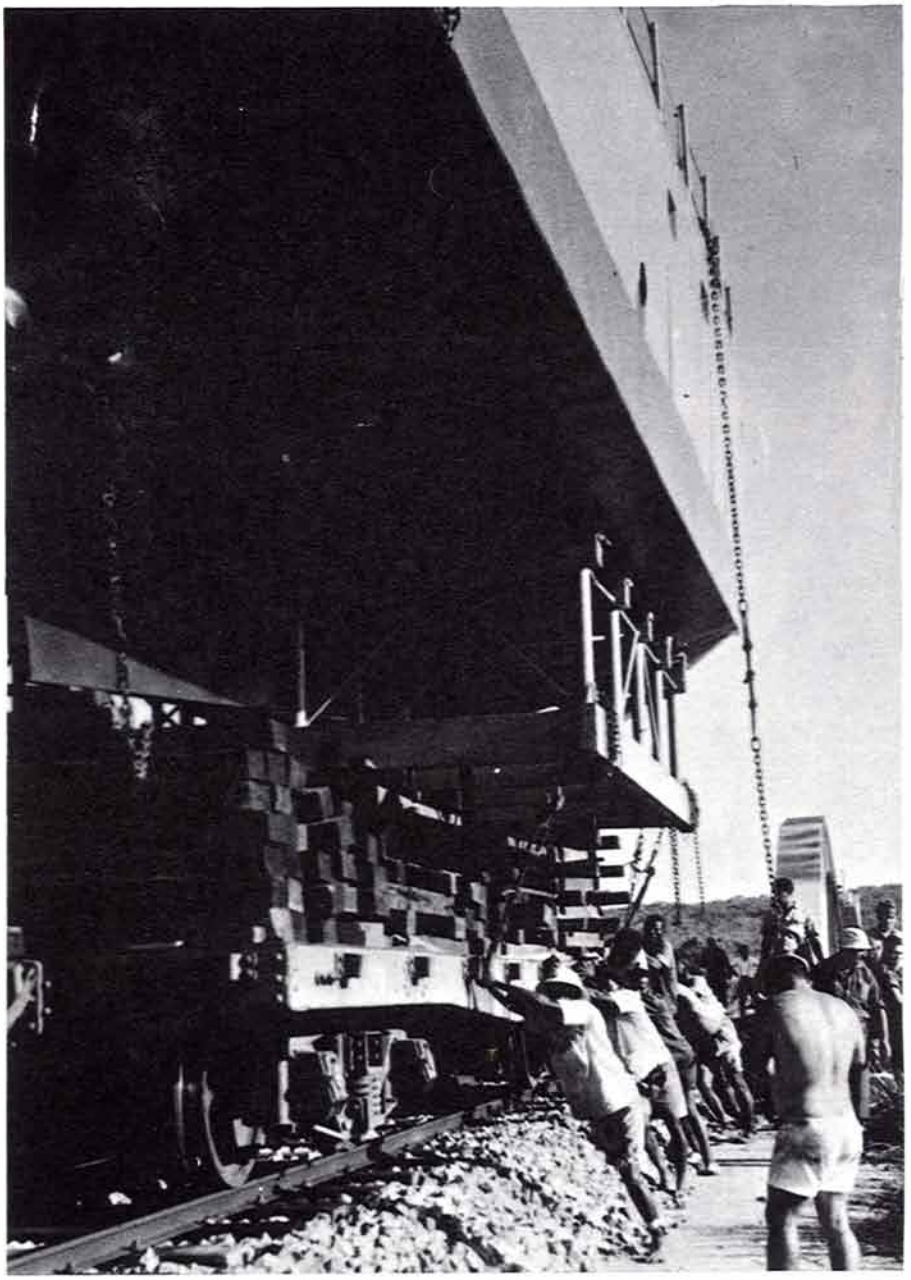
Manobras de alteamento e passagem sobre as pontes dos rios Mecuburi e Malena.

Pouco depois de ter chegado a Nampula, em Outubro de 1971, para iniciar uma comissão de serviço junto do Comando-Chefe das F. A. de Moçambique, ouvi falar nas *peripécias* que as nossas lanchas *sofreram* para chegarem até às margens do Lago Niassa.

Longe de mim estava a ideia de que viria a contactar, meses depois, na Ilha de Moçambique, com um dos homens que mais intensamente viveu essas longas semanas através do caminho de ferro e das picadas, na operação de transporte das vedetas «Mercúrio» e «Marte».

O capitão do porto da Ilha de Moçambique apresentou-me um funcionário da capitania, como sendo o tal *homem*, que fora um dos elementos mais preponderantes daquela operação. Trata-se do senhor Carlos Águas Trindade, natural de Monchique (Algarve), que em 1947 entrou como carpinteiro para a Capitania da Ilha de Moçambique, e nessas mesmas funções continua hoje, sem que ainda se lhe tivesse prestado justiça de uma promoção – a contramestre.

Homem simples e bom conversador. Falei-lhe nos trabalhos que a propósito das lanchas que *navegaram* do Índico ao Niassa e logo se entusiasmou na descrição das inúmeras dificuldades que foi preciso vencer.



Na passagem das pontes ferroviárias as plataformas foram empurradas à mão.

Pedi-lhe então que me fizesse um resumo da viagem e que, quando voltasse à Ilha com mais tempo, teria muito gosto em ir a sua casa para me mostrar o filme que tinha feito acerca dela. E assim sucedeu, alguns meses mais tarde.

Eram precisas algumas fotografias, porquanto, as que se poderiam tirar do filme (8 mm) não se prestavam a ser publicadas. E foi em Lourenço Marques, no Comando Naval, que tive a oportunidade de, em Dezembro passado, descobrir o álbum em que se encontra arquivada a reportagem fotográfica da referida operação, tendo sido postas à minha disposição as fotografias que acompanham este artigo.

Entretanto, alguns oficiais da Armada, falaram-me num artigo escrito pelo comodoro Pedro da Conceição Mousinho, e publicado numa revista naval, sobre aquela operação. Desfolhei os «Anais do Clube Militar Naval» que me foi possível encontrar em Moçambique, pedi informações à Biblioteca Central da Marinha, mas foi tudo em vão!

Espero, contudo, que o resumo que vou fazer aqui, baseado nos apontamentos do sr. Alves, em nada desdigam o que o comodoro Mousinho publicou.

Antes desta «grande operação» a que nos vamos referir, já tinham sido enviadas para o Lago Niassa a embarcação «Castor», de cerca de 20 toneladas, e a «Régulus», vedeta de plástico, também com cerca de 20 toneladas, operação que já dera alguns dados e experiência em ordem a novas viagens deste tipo.

As vedetas «Mercúrio» e «Marte», de 44 toneladas cada uma, foram desembarcadas na baía da Ilha de Moçambique em 9 de Setembro de 1965, de bordo do navio «Beira». Entretanto, os berços em que as vedetas deveriam assentar foram desembarcados no porto de Nacala e por terra foram transportados para o Lumbo, localidade situada em frente da Ilha de Moçambique, a fim de aí receberem as vedetas.

Na noite de 17 para 18 daquele mês de Setembro, nas praias do Lumbo, junto ao caminho de ferro, fez-se o primeiro encalhe de uma das vedetas, a fim de ser colocada no respectivo berço. Esta operação ofereceu tais dificuldades que os responsáveis pelo transporte das vedetas – Caminhos de Ferro de Moçambique – desistiram do trabalho, considerando-o impraticável. Voltou a vedeta para o mar e criou-se uma situação deveras embaraçadora.

Um engenheiro altamente influente em Moçambique e na Metrópole, que tinha assistido àquelas manobras, coconhecedor da competência do senhor Águas para trabalhos daquele género, deslocou-se a Lisboa e trouxe instruções especiais em ordem ao Comando Naval de Moçambique assumir a plena responsabilidade de toda a operação.

O comodoro Pedro Mousinho, ao tempo capitão-de-mar-e-guerra EMQ e chefe do Serviço de Assistência Oficial, foi nomeado responsável e agregou ao seu grupo de trabalho o carpinteiro da Capitania do Porto da Ilha de Moçambique Carlos Águas Trindade.

Tudo a postos. Nas noites de 11 para 12 e de 27 para 28 de Outubro fizeram-se os encalhes das vedetas, a fim de as colocar nos respectivos berços. Foi um encalhe que exigiu muito trabalho e extremamente delicado.

Foram preparadas previamente rampas, para por elas subirem as vede-

tas. A «Mercúrio» foi a primeira a *adormecer* sobre o berço que a esperava, em cima de uma plataforma dos Caminhos de Ferro de Moçambique. Seguiu-se a mesma operação para a vedeta «Marte».

Na expressão do sr. Águas, «iniciava-se uma odisseia através do imenso mato agreste, solitário e cheio de supresas. Rumo: Lago Niassa. Duração: indeterminada. Probabilidade de êxito: totais, já que os portugueses eram os homens que a iniciavam».

«Foram tomadas as devidas precauções, estudados os percursos e solicitadas as forças armadas para cobertura e tranquilidade de quem iria trabalhar nas operações que surgiram nos dias seguintes.

«Eis uma companhia de Comandos pronta a enfrentar o que de algo surgisse. A força era deles; o engenho seria nosso.»

A marcha do comboio tinha de ser lenta, a fim de evitar qualquer sacudidela mais brusca que pusesse em perigo a segurança das vedetas.

A primeira grande dificuldade a vencer surgiu na ponte de caminho de ferro do Monapo, a meio caminho entre o Lumbo e Nampula. Aqui efectuou-se a primeira operação técnica, a qual, nas palavras do sr. Águas, era «arriscada e cheia de surpresas», pois as vedetas não cabiam na ponte, facto aliás já previsto. Tinham de ser levantadas cerca de dois metros acima da plataforma ferroviária, elevando os seus berços, onde elas dormiam serenamente, seguras, entregues às mãos dos homens. Colocou-se travessa após travessa até ao ponto pretendido. Efectuou-se a passagem da ponte, empurradas as plataformas à mão, para depois de alguns metros além da ponte, voltarem a repousar nas plataformas e continuarem a viagem.

«Três dias se gastaram nestas manobras, manobras que requereram cautelas e engenho. Tudo se moveu, desde o pequeno alicate até à máquina de elevado porte.

«Chegados a Nampula, havia que rectificar todos os pequenos pormenores, fazer todas as previsões, solicitar máquinas, carruagens, vagões, tractores, niveladoras, ferramentas, aparelhos de soldar e rechear a despensa, que a máquina humana também carecia de atenções.»

Depois do transporte em caminho de ferro começou a odisseia do transporte por picadas...

A caravana até aqui tinha sido constituída pelo comboio, com as duas plataformas em que seguiam as vedetas e as carruagens necessárias para o pessoal mais directamente responsável pela segurança das mesmas.

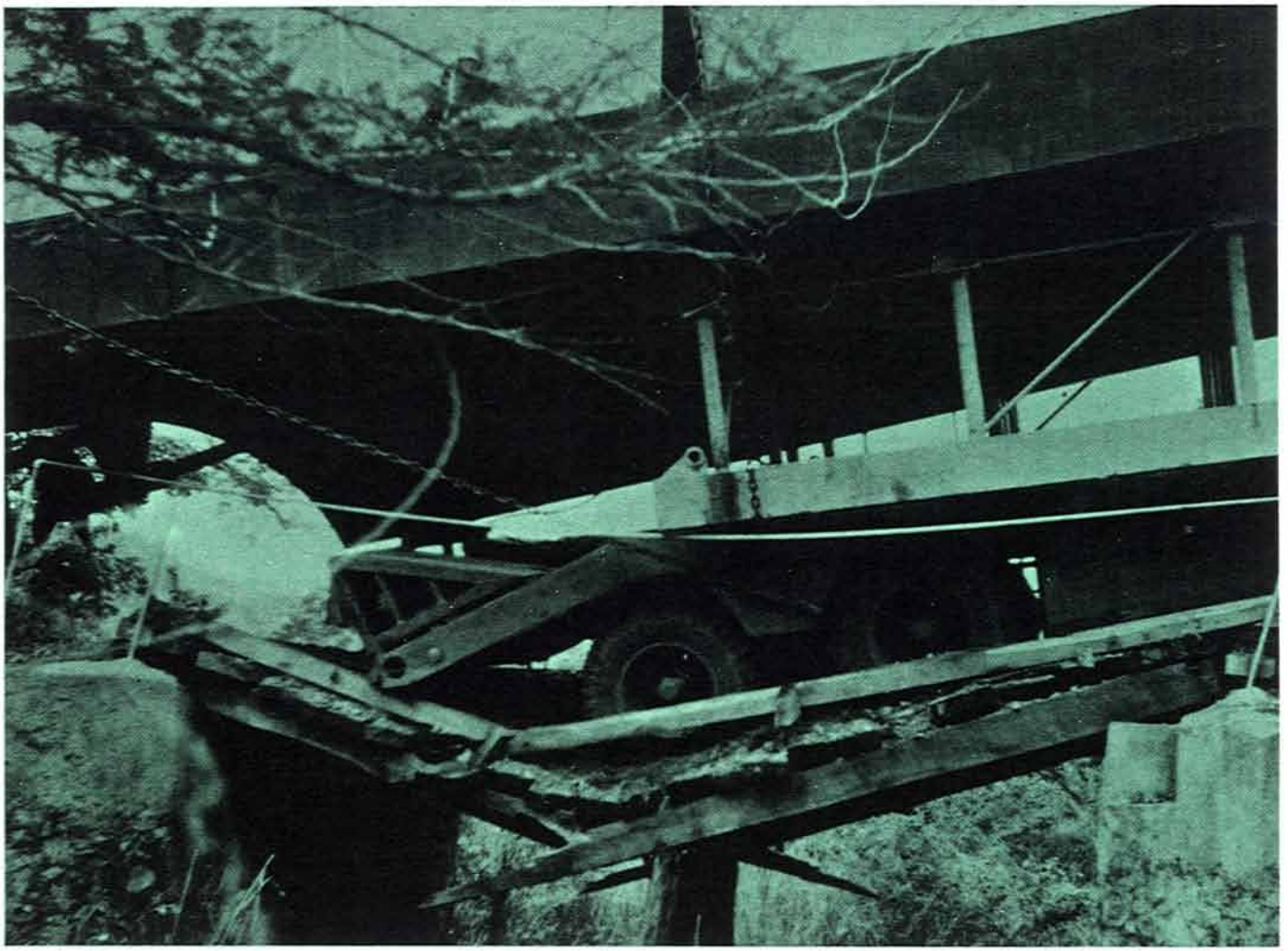
Daqui em diante, por estrada, acompanhando tanto quanto possível a linha férrea, seria ela acrescida de dois autocarros com pessoal civil e trinta viaturas militares.

As guarnições das vedetas de fiscalização, incluindo os respectivos comandantes, 2.º-tenente José Deolindo Torres Sobral («Mercúrio») e guarda-marinha RN Manuel Abecassis («Marte»), também fizeram parte da caravana.

No dia 28 de Novembro, pelas 01.00 partem os comboios – um por caminho de ferro, outro por estrada – a caminho do Catur, local onde terminava então a via ferroviária.

Pouco depois, surgia a ponte sobre o rio Mecuburi, para aí se iniciar operação idêntica à do rio Monapo. Mais adiante, operação igual na ponte sobre o rio Malema.

Em qualquer destes trabalhos, demorou-se três dias, sob um sol tórrido. Em Catur era o termo da viagem por caminho de ferro. Damos a palavra,



O grande sobressalto! Fractura do tabuleiro da ponte sobre o rio Mangel. E quase se perdeu a fé!

uma vez mais, ao sr. Águas Trindade: «Aqui tivemos uma manobra arriscada na passagem das vedetas das plataformas ferroviárias para plataformas rodoviárias.

«Esta operação durou cinco dias. E assim, numa bela manhã, foram dadas as ordens de partida. Aquecidos os motores, embraiou-se e aí vamos nós vencendo lentamente, quilómetros após quilómetros, numa estrada traiçoeira a prometer surpresas. Mas, estava escrito, nada teria que acontecer. Funcionava bem a ligação civil-militar. Tensos, mas seguros, todos executavam as suas tarefas. E nem os percalços técnicos foram dignos de algum relevo. Eis-nos chegados às portas de Vila Cabral. Aí surgiu-nos a traiçoeira curva do Bispo. Sob chuva miudinha, impertinente, por meio de reboques, as plataformas passaram.

«Nada nos detinha. Um dia de descanço em Vila Cabral, como justo prémio para o nosso esforço, foi aproveitado para reparação de algumas avarias. No dia imediato, eis-nos a caminho de Meponda. Escoraram-se algumas pontes durante esse percurso, já que não ofereciam segurança. O certo era preferível ao duvidoso. Mesmo assim e quando se iniciava a passagem sobre o rio Manguel, já no segundo pilar, a ponte partiu-se ficando a plataforma encravada na mesma, com a vedeta prestes a tombar ao rio. Imediatamente se tomaram as medidas necessárias, construindo-se um desvio sobre o leito do rio, pelo qual nos foi possível de novo o acesso à estrada. Vencido aquele obstáculo, que exigiu esforços sobre-humanos para retirar a plataforma e respectiva vedeta daquela situação crítica, a 12 quilómetros do Lago Niassa, o atolamento de uma plataforma fez-nos perder mais três dias de trabalho exaustivo.

«Finalmente chegámos ao Lago. Mas, nem aqui acabaram os trabalhos. O lançamento à água das unidades navais, naquelas circunstâncias, não era tarefa fácil. Havia que se inventar uma carreira, deitando mão aos fracos materiais de que dispunhamos. Uma das plataformas iria servir de rampa de lançamento. Cinco dias foram gastos nestes preparativos. Cinco dias de trabalho febril, olhando de perto as mansas águas do Lago, prontas a receber aquelas unidades da nossa Armada.

«Sustém-se a respiração. A primeira vedeta ia ser lançada à água. A atmosfera estava saturada de apreensão. Ouviu-se uma voz firme: «Larga!» Suavemente a vedeta deslizou, ainda no berço, no qual tinha repousado tantos dias. Ei-la no Lago Niassa. Ei-la pronta para a missão de que foi incumbida. Em terra, todos gritávamos com uma alegria incontida. Repetiu-se cena igual quando do lançamento da segunda vedeta. E por

longo tempo ficámos a olhá-las, ainda incrédulos. Estava terminada a odissia e terminada estava também a nossa missão. Deixámos o Lago com a certeza de que as vedetas muito iriam contribuir para a defesa e integridade da Província. Missão cumprida.»

Os trabalhos do grupo do sr. Águas Trindade tiveram início na Ilha de Moçambique, na noite de 11 de Outubro, só tendo aquele grupo regressado ao local de partida no dia 19 de Dezembro.

Depois desta operação, outra se fez para levar da Ilha de Moçambique ao Lago mais duas barcaças de desembarque e uma pequena lancha. Outra operação se seguiu para transportar mais duas vedetas iguais à «Mercúrio» e «Marte» em princípios de 1967. Foi ela programada pelo sr. Águas Trindade, que apenas acompanhou o comboio até ao Monapo, uma vez que a experiência dos outros transportes tinha dado conhecimentos para que tudo se processasse normalmente.

No livro «A Marinha nos últimos 40 anos (1926-1966)», páginas 114, 115 e 116, foram publicadas fotografias referentes a alguns aspectos da operação que foi tema deste artigo.

João Soares Cabeçadas
Capelão graduado em capitão-de-fragata

notícias pessoais

CASAMENTOS

Aspirante RN Norberto Veiga Sousa Fernandes com D. Teresa Maria Ferrador Campos, em 21-1-74.

1.º-sarg. ARE José António Martins com D. Cremilda Maria Carol do Maio, em 9-2-74.

2.º-sarg. ARE Inácio Paixão Luz com D. Inácia Félix Chumbo, em 16-2-74.

2083/C. F RA António Francisco Manita com D. Manuela da Conceição, em 28-1-74.

402/68/Mar. FZE Aniceto do Espírito Santo Diegues com D. Maria de Lurdes Gomes, em 16-2-74.

857/71/Mar. R Rui Manuel Guerreiro Ramos com D. Maria Manuela Azedo Garcia, em 2-3-74.

372/72/Mar. L Armindo Neves Pereira com D. Evangelista Correia Monteiro, em 16-2-74.

1217/72/Mar. CM Martinho Carlos Tavares Ferreira com D. Amélia da Conceição Ferreira da Silva, em 17-2-74.

1412/72/1.º-gr. FZE João de Almeida Lourenço Pinheiro com D. Maria Alice Almeida Soares, em 16-2-74.

2525/73/2.º-gr. T Baltasar Francisco Antunes Miranda com D. Maria Aliete Cabrita Neves, em 11-2-74.

PASSAGENS À RESERVA

Cap.-frag. SG Salvador Oliveira Carmo, em 14-3-74.

1.º-ten. Victor Manuel Dias Coelho da Silva, em 28-2-74 (Res. Ab).

1.º-ten. SG José Lourenço Madeira, em 14-3-74.

Sarg.-aj. H Alfredo Luís, em 4-3-74.

Sarg.-aj. H Joaquim dos Reis Júlio, em 1-2-74.

Sarg.-aj. C António Duarte da Fonseca, em 5-3-74.

Sarg.-aj. CM Manuel Rodrigues, em 6-3-74.

Sarg.-aj. V Jerónimo António dos Santos, em 25-2-74.

Sarg.-aj. T João Maria Marques, em 6-3-74.

3255/C. C Ataíde Guerreiro, em 7-3-74.

2414/C. C Augusto César Alves, em 7-2-74 (RF).

33/71/Mar. A Luís Manuel de Almeida Ramos, em 4-3-74 (RF).

APOSENTAÇÕES

Em 31-3-74:

Laurette Florence de Saldanha e Albuquerque Verschneider, chefe de secção do Q. P. C. M. M.

António Capão Trindade, operário especial do Q. P. C. M. M.

Dinis Silva, operário especial do Q. P. C. M. M.

Eduardo Luís, guarda de 1.ª classe do Corpo de Polícia dos Estabelecimentos de Marinha.

FALECIMENTOS

C-alm. RF António Caetano Coucello, em 29-3-74.

Cap.-m.-g. RF Luís de Arriaga de Sá Linhares, em 2-4-74.

Sarg.-aj. A RA Isidoro Xavier, em 5-2-74.

Sarg.-aj. E RA Joaquim Rodrigues Minçaleiro, em 14-2-74.

Sarg.-aj. M RF Artur Amaro Júnior, em 3-3-74.

1.º-sarg. SG RF João José Galinha, em 13-4-74.

1.º-sarg. M RF Miguel Fernandes Pires, em 22-2-74.

1.º-sarg. SG RF Justino Gamilier, em 4-3-74.

2.º-sarg. V Salvador Marques Ferraz, em 28-3-74.

1007/C. F RA António Venâncio Ferreira, em 28-2-74.

1469/C. SG RF Manuel António Malhado Domingues, em 4-2-74.

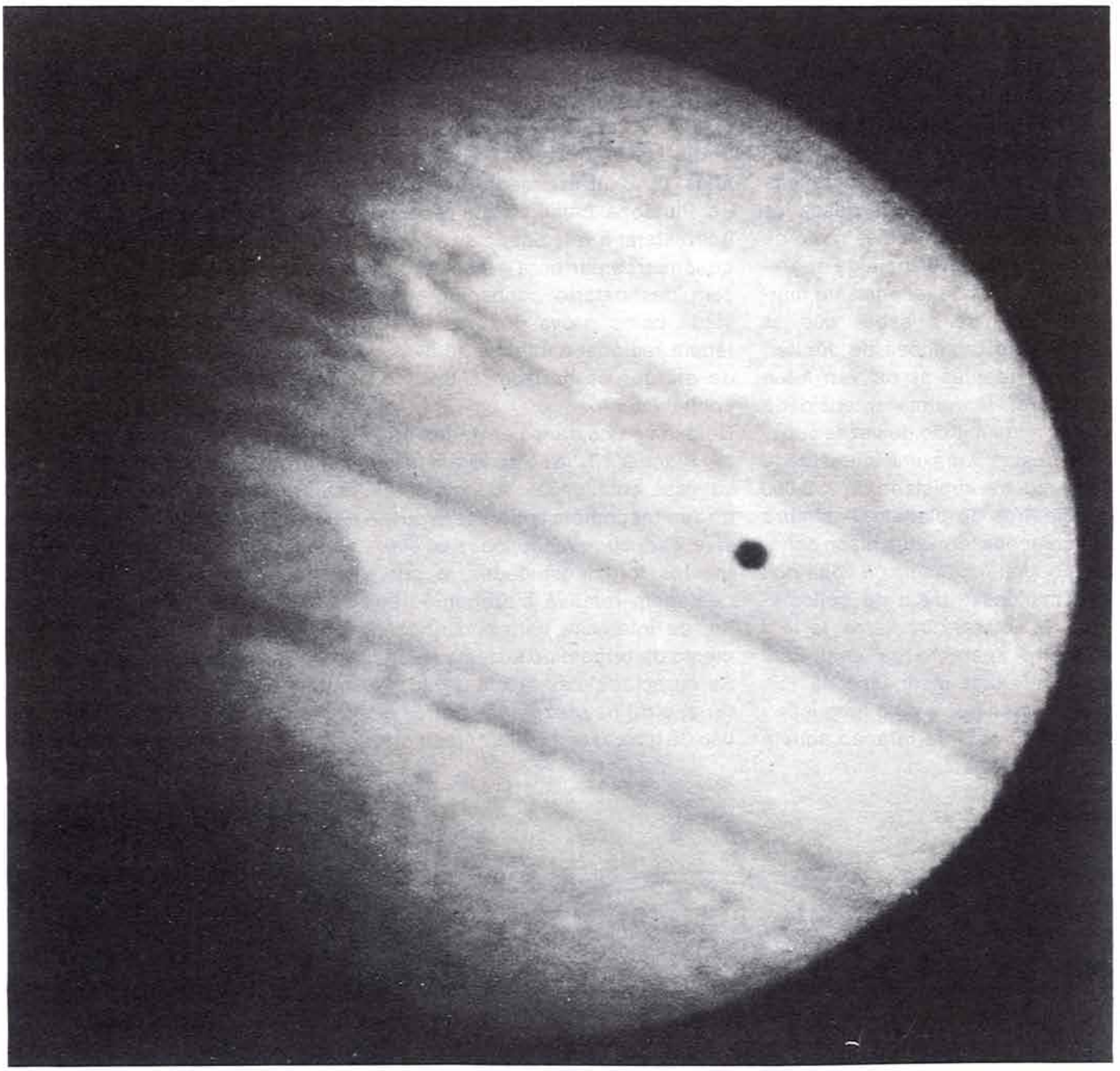
3462/C. CM Fernando António da Silva, em 27-2-74.

996/1.º-coz. RF Maximiano João Cabeça, em 15-2-74.

1081/Mar. M RA Sebastião da Silva Nogueira («Rouxinol»), em 3-4-74.

171/71/1.º-gr. FZ António José Pereira Antunes, em 27-2-74.

UMA SONDA ESPACIAL na vizinhança de JÚPITER



Fotografia de Júpiter obtida pela sonda «Pioneer 10» em 1 de Dezembro de 1973. Vê-se a célebre mancha vermelha e a sombra projectada do satélite Io.

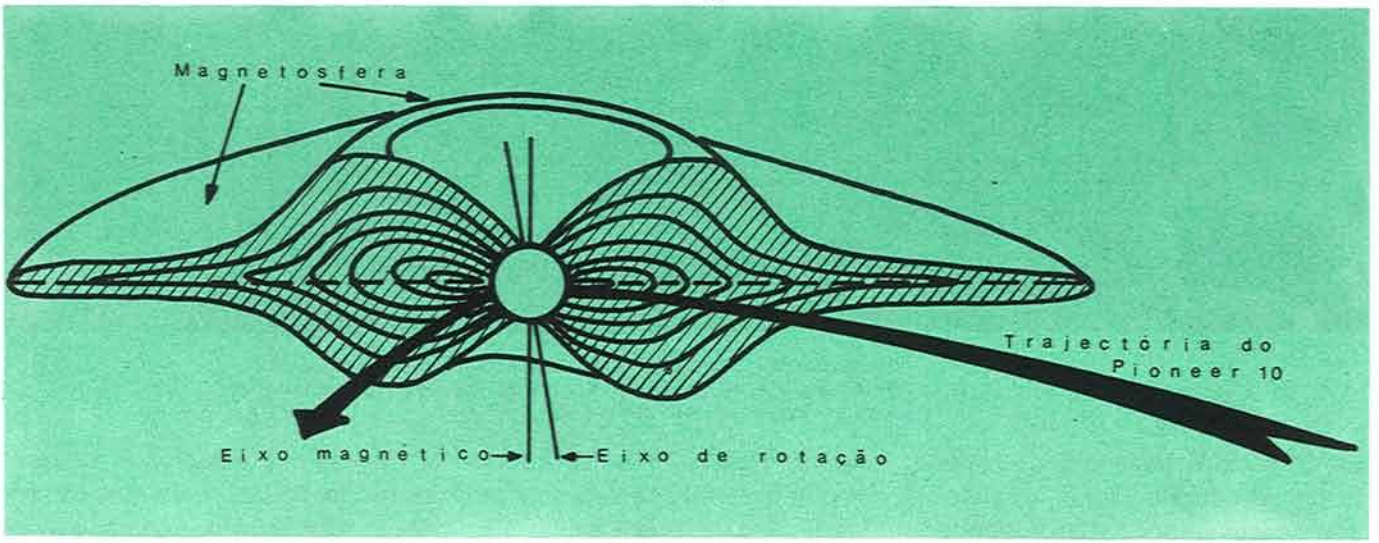
Em Dezembro passado, chegava ao planeta Júpiter, após uma viagem de quase dois anos, a sonda espacial «Pioneer 10» de que fizemos uma breve referência no número 15 da nossa Revista. Fez a travessia à velocidade de cruzeiro de 38 000 quilómetros por hora mas, ao aproximar-se de

Júpiter, viu essa velocidade aumentada, por força da atracção gravimétrica do planeta, para 83 500 km/h. As suas emissões, verdadeiro tesouro científico, foram registadas em banda magnética para ulterior estudo. A sonda atravessou a cintura de radiações de Júpiter, com uma intensidade muito superior à que se poderia prever e só sobreviveu por mero acaso e felicidade. Preparada para suportar uma radiação entre 10^4 e 10^5 rads (como se sabe 500 rads são mortais para o homem), a sonda foi sujeita a radiações de 5×10^5 sob a forma de electrões de alta energia e 5×10^4 sob a forma de protões. Esta radiação protónica não era previsível e a outra situava-se no limite superior das previsões baseadas no espectro de emissões rádio de Júpiter. A sobrevivência da aparelhagem da sonda foi portanto marginal. Ficou-se a saber que as cinturas de radiações de Júpiter, correspondentes às de Van Allen da Terra, têm uma intensidade 10 000 a um milhão de vezes superior à destas. A máxima intensidade de fluxo foi registada a 250 000 quilómetros do planeta. A cintura de radiações forma um disco achatado com um diâmetro à volta dos seis milhões e meio de quilómetros. Se se visse da Terra, teria o diâmetro aparente da Lua! Este disco tem uma inclinação de 15º, o que indica que o pólo magnético faz com o pólo de rotação aquele ângulo. Como a rotação de Júpiter tem um período de 10 horas, aquele disco tem um movimento ondulatório com uma amplitude de 30º no mesmo período. O campo magnético de Júpiter é de intensidade 10 vezes superior ao da Terra e tem polaridade inversa.

Tendo sobrevivido a tão dura quanto inesperada prova, a sonda continua agora para além de Jupiter, diminuindo no entanto de velocidade. Registará as condições do meio interplanetário e atingirá a órbita de Saturno (longe do planeta, no entanto) em 1976. Três anos depois cruzará a órbita de Urano, após o que os seus sinais serão tão fracos que não poderão ser detectados. Daqui a 10 anos terá ultrapassado a órbita de Plutão a caminho do espaço interestelar à velocidade de 46 000 quilómetros por hora – mensagem sem destinatário conhecido, enviada como prova de uma existência racional e inteligente ávida de alargar os horizontes do seu conhecimento.

Do exame dos dados enviados pelo «Pioneer 10» já se puderam tirar valiosas conclusões. A atmosfera de Júpiter contém hélio e será possível deduzir, quando todos os elementos forem estudados, a percentagem relativa hidrogénio-hélio, de interesse para o conhecimento da origem do sistema solar. As características faixas de Júpiter são de natureza atmosférica e vão de um castanho alaranjado até ao azul. As faixas azuis mais brilhantes são as mais altas e estão a uma temperatura mais baixa cerca de 8º C do que as castanhas. As nuvens mais frias da parte superior da atmosfera estavam à temperatura de – 145º C. A célebre mancha vermelha aparece nas fotografias com uma nitidez sem precedentes e tem-se a convicção de que se trata de um vórtice (do tipo das trombas) flutuando livremente na atmosfera e que se pode estender vários quilómetros acima das nuvens envolventes. Foi possível, pelas medidas da trajectória, discriminar a massa do planeta da dos quatro satélites maiores – Io, Europa, Ganimedes e Calisto. O conjunto Júpiter-satélites tem uma massa 0,004 por cento superior à que se supunha, diferença essa igual a duas vezes a massa da Lua. O satélite Io é conhecido pelo seu grande poder reflector. É, sem dúvida, o corpo celeste que melhor reflecte a luz solar e a sua reflectividade é mais acentuada quando acaba de sair de um eclipse, isto é, do cone de sombra de Júpiter. Porquê esta particularidade? O «Pioneer 10» veio a descobrir que Io tem uma ligeira atmosfera o que leva a crer que, quando o satélite passa no cone de sombra do planeta, parte dela solidifica depositando-se sob a forma de «neve» (possivelmente metano) à superfície, o que lhe confere mais poder reflector. Logo que os raios solares o iluminam,

Aspecto do campo magnético de Júpiter.



o aquecimento resultante deve evaporar essa camada em pouco tempo, regressando lo à sua reflectividade normal.

Muito há ainda que desvendar no estudo das bobinas que os cientistas têm entre mãos e que levará ainda meses a concluir.

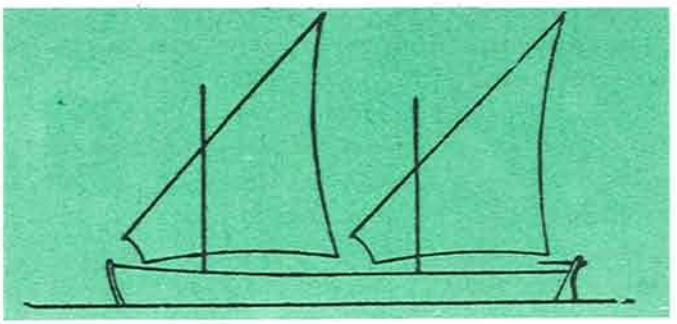
O. Lemos
Cap.-frag.

Terminologia Naval

CAÍDO DA ESCALA – Praça não escalada para a execução de um serviço, por descuido do encarregado do serviço de escala.

CAIMENTO – É a diferença dos calados a vante e a ré; o seu valor é afectado pelo embarque de pesos ou sua deslocação longitudinal. Há, todavia, um ponto a ré e outro a vante de meio comprimento do navio onde o embarque de um peso não modifica a imersão a ré ou a vante; estes pontos são chamados pontos de indiferença. Por altura de meio comprimento do navio existe outro ponto especial – centro de flutuação – onde o embarque de pesos ocasiona igual aumento de imersão a vante e a ré, não alterando consequentemente o caimento.

CAÍQUE – Grande embarcação de pesca ou carga, de dois mastros e vergas bastardas, com a proa redonda e levantada e de convés corrido com escotilhas; é um tipo de embarcação que foi muito utilizado no Algarve, principalmente em Olhão, não só na pesca do alto como também em pesca longínqua. Derivada do pangaio árabe da Índia, passou depois ao Mediterrâneo e a Portugal, parecendo ser o tipo antecedente da caravela, depois de melhorado e aperfeiçoado pelos portugueses.



CAIR A UM BORDO – Inclinar-se para um bordo, por efeito da carga, vento ou mar, de modo mais ou menos prolongado.

CALADO – Distância medida na vertical, da face inferior da quilha, à linha de água, valor que representa a altura de água necessária para o navio flutuar livremente; de uma maneira geral, o calado é maior à popa que à proa. Os navios com valores de calado iguais a vante e a ré, dizem-se sem diferença de imersão ou de calados.

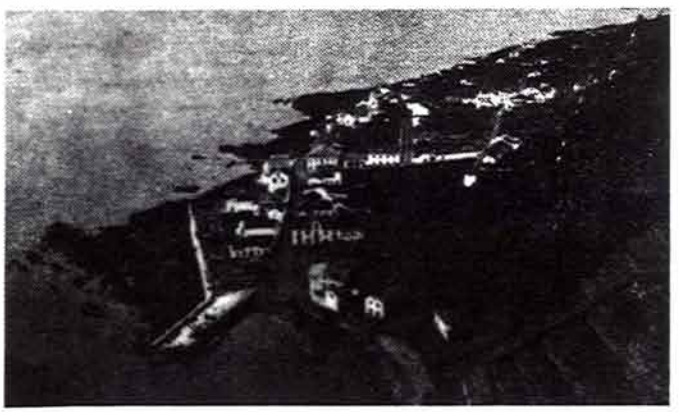
CALCÊS – Parte quadrangular do mastro ou mastaréu, situada entre a sua extremidade superior e a romã, onde encapelam as enxárcias do mastaréu superior.

CALÇÕES – Bolsas formadas nos extremos das vergas quando se carregam e ferram as velas grande e de traquete, ficando os punhos aguentados pelas escotas; esta disposição é utilizada para correr com o tempo, designando-se por correr com a vela nos calções.

CALDEIRINHA – Cavidade existente no topo do calcês, coberta com uma tampa, destinada a receber azeite ou óleo que, por infiltração, conservam a madeira do mastro ou mastaréu.

CALHAMBEQUE – Pequena embarcação usada antigamente.

CALHETA – Angra estreita que permite a entrada e acostagem de embarcações; portinho em costa bravia. Nos Açores e Madeira e no Arquipélago de Cabo Verde, pela natureza das suas costas, existem numerosas povoações cujos nomes derivam da designação deste acidente geográfico.



S. Elpídio
Cap.-frag. AN

voz da abita

De José Augusto da Costa Velho, mar. A n.º 1285/72, em serviço na «LDM-116», na Guiné, recebemos um apontamento que transcrevemos:

«Senhor Director da «Revista da Armada».
«Prestando colaboração à sua e «nossa» Revista, tomo a liberdade de enviar um apontamento para «Nota de Abertura», que transcrevo:
«14 de Abril de 1972 – 14 de Abril de 1974.
«DOIS ANOS PARA A POSTERIDADE.
«Éramos umas centenas de jovens decididos dando início a uma nova experiência. A Pátria chamou-nos, e nós, sem sentido de heroísmo nem cobardia, vimo-nos de braço dado com uma exigência de nós próprios:
«Ser militar e ser marinheiro...
«Aos 14 de Abril de 1972, estava já formada na Escola de Alunos Marinheiros a 8.ª Companhia. Uma das dez do 2.º recrutamento. O primeiro era o Lopes (1281), e ao longo de setenta e poucos números havia um Dário, um Fernandes, um Melo, um Carvalho, um Santinho, um Gonçalves e tantos outros.
«Em 14 de Abril de 1974, faremos dois anos de serviço e onde quer que estejam os elementos da 8.ª Companhia, disseminados pelas mais variadas especialidades e períodos de serviço, recordemos nas 24 horas do dia 14 o nosso primeiro passo para esta vida laboriosa.
«Conscientes do que somos e do que valemos... No reduto de uma peça, numa cabina radiotelegráfica, numa secretaria, rastejando no capim, ao leme duma embarcação, na cama de uma enfermaria, participamos na vida presente, para que o amanhã seja uma visão de esperança.
«Desde as terras verdes da Guiné, vaî a saudação amiga de um camarada.
«Salvé 14 de Abril de 1974. O vosso dia que também é o meu.
«José Velho, mar. A»

Do 1.º-sargento reformado da Armada João Pereira, residente em Pousade, recebemos uma carta, que transcrevemos:

«Tendo-me chegado às mãos um exemplar da «Revista da Armada» que V. Ex.ª muito habilmente dirige, peço que me considere um dos seus assinantes na qualidade de 1.º-sargento reformado da Armada, residente em Pousade, Guarda.
«Interessa-me saber, aliás o que nunca deixou de me interessar com os meus 86 anos de idade já feitos, as notícias de uma Corporação a que muito me honra ter pertencido.
«Peço licença para apresentar a V. Ex.ª os meus mais respeitosos cumprimentos.»

De António Azevedo Duarte Rios, 1.º-gr. FZ n.º 777/71, em serviço em Santo António do Zaire, Angola, recebemos uma carta, que transcrevemos:

«Os meus cumprimentos.
«Eu, António Azevedo Duarte Rios, 1.º-gr. FZ n.º 777/71, prestando serviço na CF 4, e sendo leitor assíduo da «nossa» Revista desde os meus primeiros tempos de vida militar, quando ainda na Metrópole, levei-a ao conhecimento dos meus familiares e eles logo se impressionaram pelos assuntos nela tratados, ao ponto de me perguntarem da possibilidade de a adquirir.
«Vendo neles este interesse, venho por este meio torná-los assinantes da «Revista da Armada».
«Para tanto, envio duas moradas e juntamente a quantia de 50$00, para pagamento de duas assinaturas referentes ao ano em curso.
«Esperando a vossa atenção, reitero os meus cumprimentos.»

MINHA SENHORA DAS DORES

Um sonho desfeito
num fumo que sobe.
Um ferro, uma lança.
Um fim que mau-grado
nunca se alcança.
Ferida sangrando em peito aberto.
Uma rosa!
Um espinho,
são p'ra mim decerto
resíduos de amores.
Não vejo o caminho.
Só tu estás perto,
Senhora das Dores.

Às vezes não sei
como vens até mim.
Chegas envolta em túnica airosa.
Promessas. Fascínio
Nas mãos uma rosa.
Um sorriso aberto
nuns lábios sempre a dizerem que sim.
Mas o desengano,
não tarda, ele vem.
Fazer sofrer mais, os já sofredores.
É assim que apareces,
dolorida mãe,
Senhora das Dores.

No mar eu vivo, sim eu vivo.
Com ele partilho a minha existência.
É ele o meu pai, é a vida que eu sinto.
Mas também é motivo,
de medos, receios, até incoerência.
Solidão, saudade, tudo se confunde,
e a vida é feita só de ansiedade.
Vagas alterosas varrem o convés,
e a todos o mar transmite temores.
Olho o céu; pergunto:

Será que tu és,
para mim, ó mar!,
a Senhora das Dores?!...

Agostinho Fardilha
Mar. L

filatelia

NOVOS SELOS PORTUGUESES

Cremos poder afirmar que começou auspiciosamente o ano filatélico no que respeita a selos portugueses. Efectivamente, no dia 5 de Abril, foi posta a circular a bela série que reproduzimos, a primeira deste ano, comemorativa do 4.º Centenário da Morte de Damião de Góis. Os selos, desenhados pelos Serviços Artísticos dos CTT apresentam maravilhosamente outras tantas facetas da personalidade do célebre escritor e humanista, nascido em Alenquer.

Merece-nos ainda uma especial referência o carimbo do sobrescrito do 1.º dia de circulação, na verdade magnífico. Só uma pergunta se nos põe: porque não foi utilizado naquela vila ribatejana?

G. Brandão
2.º-ten. SG

SELOS DE PORTUGAL METROPOLITANO PARA 1974

O engenheiro Manuel Gagliardini Graça, director dos Serviços Artísticos dos CTT, revelou o plano de emissões portuguesas para o ano em curso, que, sem dúvida, se nos afigura magnífico e do maior interesse.

Efectivamente, verifica-se que são postas a circular nove séries com um total de trinta e três selos, focando temas variados e muito oportunos, todos com desenhos diferentes excepto os da já tradicional série «Europa». Mesmo estes, embora com desenho igual para os três valores, apresentam este ano a particularidade feliz de não terem de obedecer a um desenho comum aos países que os emitem, embora todos eles tenham de tratar do mesmo assunto, este ano a escultura. Assim, os nossos CTT vão ocupar-se da incomparável obra «O Desterrado» do imortal artista que foi Soares dos Reis, o que antevemos seja maravilhoso. Além desta, estão programadas mais as seguintes séries comemorativas: «Centenário da U. P. U.» (União Postal Universal); «Centenário do Nascimento do Prof. Egas Moniz» (Prémio Nobel da Medicina); «Nascimento de Marconi», cientista italiano a quem se deve a T. S. F. (Prémio Nobel da Física); «Morte de Damião de Góis» (historiador e humanista português do século XVI); «Vinte Séculos da História de Beja»; «Inauguração das Comunicações Via Satélite Intercontinental Europa»; «Músicos Célebres Portugueses», e, finalmente, a já há muito esperada série dedicada ao Natal.

Estamos realmente em presença de um plano magnífico, pois acreditamos que o mesmo criterioso espírito que presidiu à selecção dos temas se irá também impor na selecção dos motivos e na apresentação dos selos. Cremos sinceramente que vai ser um frutuoso ano filatélico a merecer antecipadas felicitações a quem o concebeu.

G. Brandão
2.º-ten. SG

INVICTA-74

De 23 de Fevereiro a 10 de Março, realizou-se no Porto a IX Exposição Filatélica Nacional – Invicta-74.

A este certame concorreram os maiores coleccionadores nacionais. Também os filatelistas juvenis marcaram boa presença. Os participantes, em número de 167, expuseram as suas colecções em algumas centenas de quadros. Todavia, a afluência poderia ter sido mais numerosa, não fora o elevado preço de inscrição por quadro (150$00).

É de salientar que o subtenente SG José Marques Curado obteve nesta exposição uma medalha de prata, expondo «Embarcações da Pré-História aos nossos dias» na classe de temáticas, a mesma colecção que foi realçada na I Exposição Filatélica da Armada.

Colaboração de A. Vieira Pinto
Mar. A

desportos

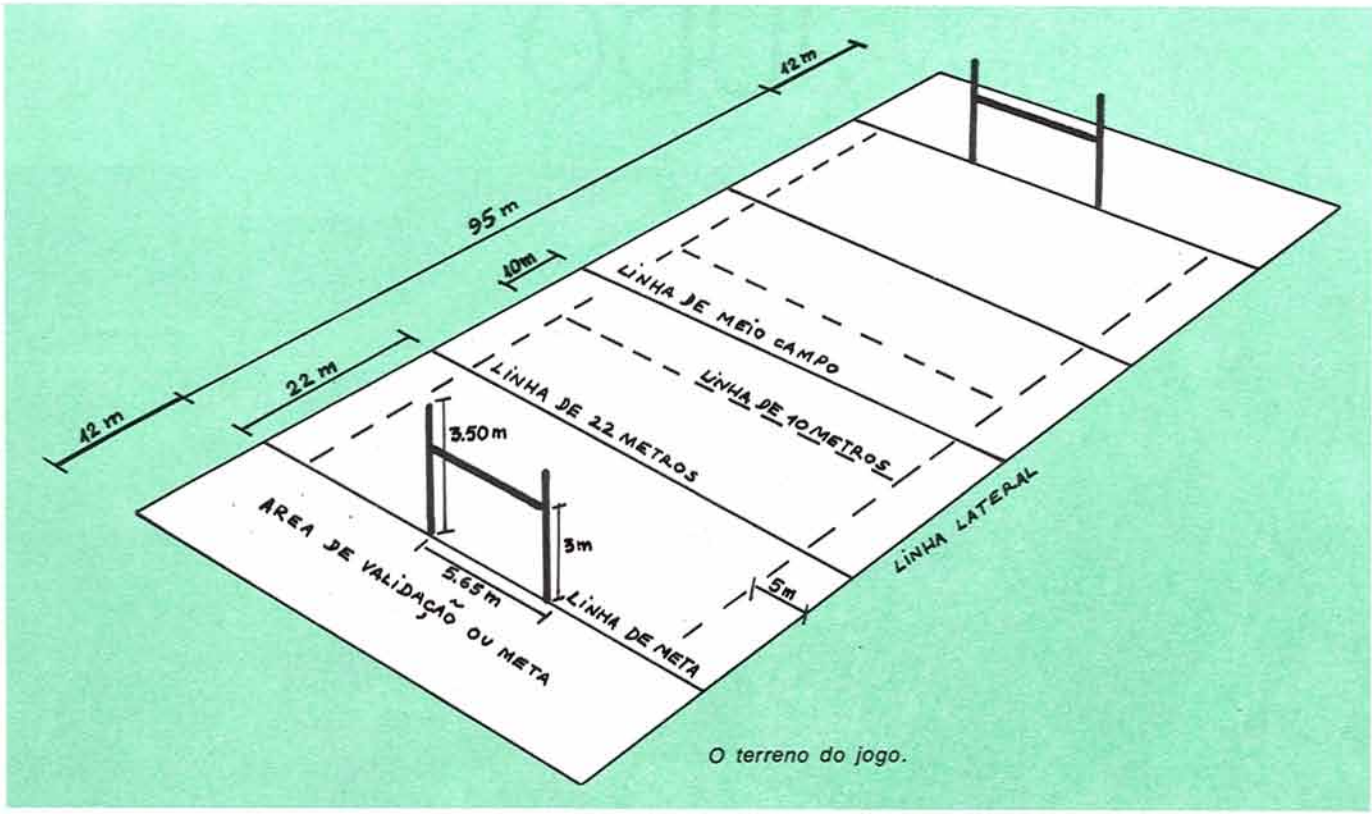
VAMOS JOGAR RÂGUEBI

1 – INTRODUÇÃO – Tal como havíamos prometido, começaremos hoje uma série de artigos destinados à divulgação deste «desporto de arruaceiros praticado por cavalheiros»! Esta designação é com efeito bastante significativa pois para quem já assistiu a um desafio de râguebi decerto percebeu que aqueles «amontoados» de jogadores que se formam em algumas fases do jogo podem dar ensejo a procedimentos menos «desportivos».
Requere-se, portanto, por parte dos jogadores, um total respeito pelo adversário, uma completa entrega ao jogo pelo jogo e uma constante utilização da virilidade... ordeira! O medo e a falta de desportivismo não têm lugar no râguebi.
...E é isto que faz deste desporto um óptimo elemento para a formação da juventude.
Tal como acontece com todos os desportos, o râguebi foi sofrendo ao longo dos tempos modificações, desde os seus primórdios. Cada escola começou, em Inglaterra, a desenvolver a sua própria versão do jogo que inicialmente se chamou «football». No entanto, nos princípios do século XIX, começaram-se a definir duas correntes que acabariam por criar dois desportos distintos: o «football association» e o «football soccer».
Uma escola inglesa de nome «Rugby» parece ter sido a única que se manteve fiel à primitiva forma do jogo. Daí o «football soccer» ser conhecido em todo o mundo por «rugby».

2 – ALGUMAS REGRAS BÁSICAS – Apenas indicaremos algumas regras que permitam perceber aspectos básicos do jogo. Aliás é isso que nos interessa nesta fase de iniciação.

1.ª Regra – Marcam-se pontos quando:
a) A bola é colocada à mão na área de validação adversária (ENSAIO) – 4 pontos; após um ensaio, a equipa que o marcou tem direito a executar um pontapé com a bola colocada no chão em qualquer ponto de uma linha perpendicular à linha da meta e que passe pelo ponto onde o ensaio foi marcado (a equipa adversária terá de estar atrás da sua linha de meta até que o pontapé seja executado). Se deste pontapé resultar que a bola passe entre os postes e sobre a barra marcar-se-á mais 2 pontos (ENSAIO TRANSFORMADO).
b) De qualquer ponto do terreno for executado um «pontapé de ressalto» que faça a bola passar entre os postes e sobre a barra adversária – 3 pontos (chama-se «pontapé de ressalto» ao que é feito deixando cair a bola das mãos e pontapeando-a logo que bate no solo).
c) A bola passar entre os postes e por cima da barra em consequência de um «pontapé colocado» – 3 pontos (este pontapé é executado com a bola colocada no solo e é uma espécie de «livre» com que se castiga uma equipa por cometer determinadas faltas).

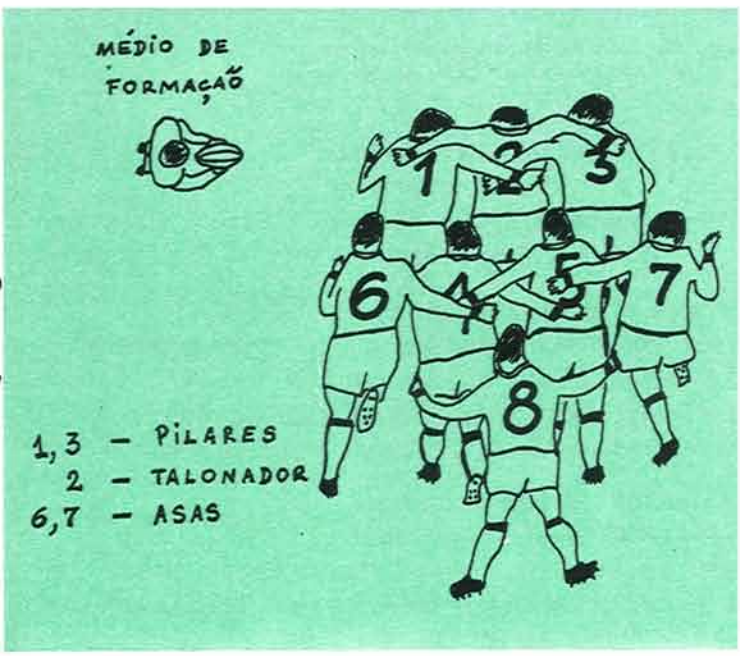
2.ª Regra – Cada equipa é constituída por 15 jogadores, sendo 8 avançados, 4 três-quartos, 2 médios e 1 defesa.
Os três-quartos designam-se por: três-quartos ponta esquerda, três-quartos primeiro centro, três-quatros



O terreno do jogo.

segundo centro e três-quartos ponta direita.
Os médios designam-se por: médio de formação e médio de abertura.

3.ª Regra – Cada equipa jogando a bola à mão só poderá progredir no campo adversário passando a bola para trás; ao pé, a bola pode ser lançada para a frente mas só o jogador que a pontapeou, ou um jogador da sua equipa que parta de trás dele, a poderá receber com as mãos.

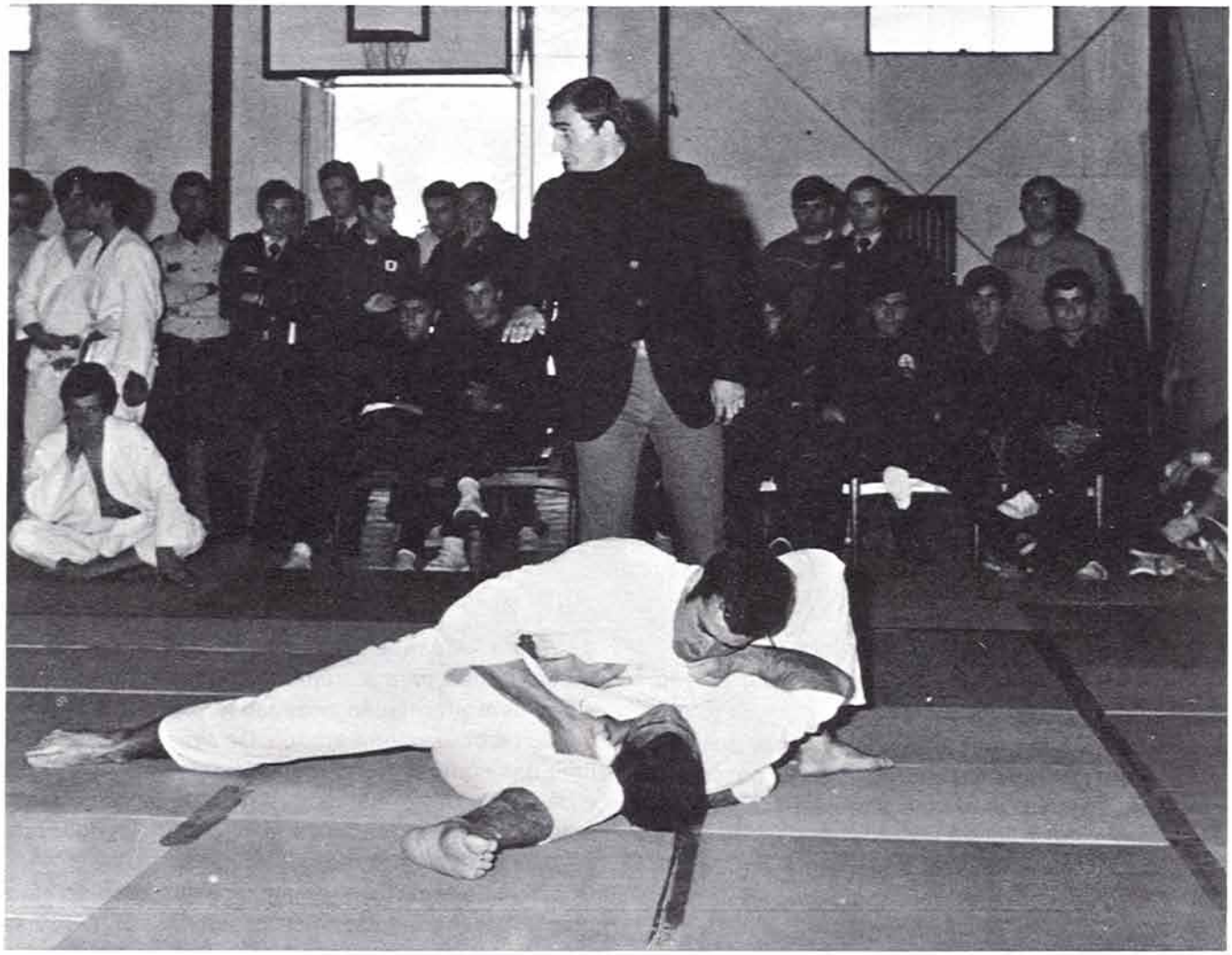


A «formação ordenada»: os jogadores 1, 2 e 3 formam a 1.ª linha; os 4 e 5 a 2.ª linha, e os 6, 8 e 7 a 3.ª linha.

4.ª Regra – Quando o jogador de uma equipa passe a bola à mão para a frente, o árbitro mandará executar uma «formação ordenada», cabendo a introdução da bola à outra equipa. Os avançados de cada uma das equipas formarão conforme mostra a Fig. 2 e deixando entre eles um «túnel» de modo a que a bola ali possa ser metida à mão, por um jogador que se designa por «médio de formação».
Conforme o lugar que tomam os avançados na «formação ordenada» assim se designam por 1.ªs, 2.ªs ou 3.ªs linhas. O jogador do meio da 1.ª linha é chamado o «talonador» e compete-lhe tocar a bola com o pé de modo a que fique sob o controlo dos pés dos seus companheiros.
O grupo de avançados de uma equipa tentará empurrar o grupo adversário de modo a conseguir que a bola fique do seu lado.

Sanches Oliveira
1.º-tenente

JUDO



Uma fase do Campeonato de Judo da Armada, vendo-se em competição o vencedor de Absolutos mar. FZM Aníbal da D. S. E. F.

Realizou-se no dia 20 de Março na Escola Naval o V Campeonato de Judo da Armada, presidido pelo comandante desta unidade, comodoro Barahona Fernandes.

Este campeonato despertou enorme interesse tanto mais que no início do mês de Abril teriam lugar os Campeonatos das Forças Armadas. Participaram 29 atletas representando diveras unidades e serviços.

Os resultados foram os seguintes:

Leves (6 participantes):

1.º – 32/71/1.º-gr. FZM, Gomes – 2.º Kyu – D. S. E. F.
2.º – 847/67/Mar. A FZM, Oliveira – 3.º Kyu – D. S. E. F.
3.os – 2176/70/Mar. FZM, Homero – 3.º Kyu – D. S. E. F.
1185/72/1.º-gr. FZM, Guerreiro – 1.º Kyu Esc. Fuz.

Meios-médios (15 participantes):

1.º – Subten. AN RN Oliveira Maia 2.º Kyu – D. S. E. C.
2.º – 1432/70/Mar. FZM, Machado 3.º Kyu – Escola Naval
3.os – Cadete Carapeto – 2.º Kyu – Escola Naval
Aspirante Evangelista – 4.º Kyu – Esc. Naval

Médios (7 participantes):

1.º – 1244/70/Mar. FZM, Aníbal – 2.º Kyu – D. S. E. F.
2.º – 2.º-gr. L. Mário – 3.º Kyu – G. 1 E. A.
3.os – Mar. FZM Vidal – «Alm. Mag. Corrêa»
Cadete Amaro – 5.º Kyu – Escola Naval

Absolutos (24 participantes):

1.º – 1244/70/Mar. FZM, Aníbal – 2.º Kyu – D. S. E. F.
2.º – Cadete Carapeto – 2.º Kyu – Escola Naval
3.os – Mar. FZM, Vidal – 5.º Kyu – «Alm. Mag. Corrêa»
Subten. AN RN Oliveira Maia – 2.º Kyu D. S. E. C.

VOLEIBOL

No ginásio da Escola Naval e na D. S. E. F. cotinuaram a disputar-se os jogos a contar para o Campeonato da Armada.

Das equipas que observámos há duas com bastantes possibilidades de vencer e cremos que o título se decidirá no jogo em que terão de enfrentar-se: Escola Naval e Grupo n.º 2 de Escolas da Armada.

Seguidamente, os resultados dos jogos já efectuados:

Esc. Naval, 3 – «Alm. Mag. Corrêa», 0
Esc. Naval, 3 – D. S. Abast., 0
Esc. Naval, 3 – Esc. Fuz., 0
Esc. Naval, V f. c. – «Lajes», D f. c.
«Alm. Mag. Corrêa», 0 – Esq. Subm., 3
«Alm. Mag. Corrêa», 0 – D. S. Abast., 3
«Alm. Mag. Corrêa» V f. c. – «Lajes», D f. c.
Esq. Subm., 1 – G. 2 E. A., 3
Esq. Subm., 2 – Esc. Fuz., 3
Esq. Subm., 0 – «Lajes», 3
D. S. Abast., 0 – G. 2 E. A., 3
D. S. Abast., 3 – «Lajes», 1
G. 2 E. A., 3 – Esc. Fuz., 0
G. 1 E. A. 3 – «Lajes», 0
G. 1 E. A., 3 – Esc. Fuz., 0
Esc. Fuz., 3 – «Lajes», 0

ANDEBOL

Sendo obrigado a sofrer demasiados interregnos, aliás justificados, o Campeonato de Andebol da Armada não tem tido a continuidade do de voleibol. Espera-se contudo que, logo após as férias da Páscoa, ele recomece já sem problemas:

Até ao momento disputaram-se os seguintes jogos:

«Alm. Mag. Corrêa», 12 – Esq. Subm., 13
«Alm. Mag. Corrêa», 5 – D. S. Abast., 11
Esq. Subm., 5 – D. S. Abast., 11
Esq. Subm., V. f. c. – «Ribeira Grande», D f. c.
D. S. Abast., 11 – G. 2 E. A., 11
D. S. Abast., 6 – Esc. Fuz., 8
G. 1 E. A., 15 – Esc. Fuz., 14

TIRO

A Armada participou no XV Campeonato de Portugal em Espingarda de Guerra a 200 metros, tendo-se obtido os seguintes resultados:

14.º – 1.º-sarg. FZ Madaíl (CEFA), 390 pontos;
20.º – Asp. Prieto Alves (Esc. Naval), 381 pontos;
33.º – Asp. Lopes Antão (Esc. Naval), 308 pontos;
41.º – 1.º-ten. Villas Boas (Esc. Naval), 270 pontos;
42.º – Asp. Lima da Fonseca (Esc. Naval), 268 pontos;
45.º – Cadete Correia Cabral (Esc. Naval), 221 pontos.

ACTIVIDADES DO C. N. O. C. A.

ANDEBOL – A equipa do clube continua a disputar o Campeonato Regional da II Dvisão (zona de Lisboa) onde tem tido, na 1.ª volta, uma actuação muito apagada e longe das suas possibilidades. Cremos que as coisas se modificarão e que a equipa ressuscitará, fazendo vingar as tradições do C. N. O. C. A. neste desporto.

A título de curiosidade indicaremos que há 3 anos o clube disputou o Campeonato da I Divisão (hoje Campeonato Metropolitano) após ter vencido em anos sucessivos os Campeonatos das III e II Divisões.

VOLEIBOL – Disputa-se actualmente o Campeonato Nacional da II Divisão. Após desaire sofrido no primeiro jogo, o C. N. O. C. A. parece ter acordado e

preparar-se para um brilharete. Vamos a isso!

Resultados obtidos:

C. N. O. C. A., 1 – Moscavide, 3
C. N. O. C. A., 3 – Costa do Sol, 0
C. N. O. C. A., 3 – Pontinha, 0
C. N. O. C. A., 3 – C. D. U. L., 0
C. N. O. C. A., 3 – Veiga Beirão, 0

TIRO – Participou o clube nas provas de preparação organizadas pela Federação Portuguesa de Tiro, com armas de pequeno calibre, tendo-se obtido os seguintes resultados:

Pistola velocidade – 2.ª classe (6 Jan.)
4.º – Cap.-ten. Mello Sampaio, 443 pontos.
Pistola velocidade – 2.ª classe (19 Jan.)
2.º – Cap.-ten. Mello Sampaio, 527 pontos
Pistola standard – 2.ª classe:
3.º – Cap.-ten. Mello Sampaio, 500 pontos
Carabina de pressão de ar – 2.ª classe:
1.º – Asp. Prieto Alves, 320 pontos;
2.º – Asp. Lima Fonseca, 293 pontos;
3.º – Asp. Lopes Antão, 278 pontos;
5.º – 1.º-ten. Villas Boas, 221 pontos.
Carabina de pressão de ar – Júniores:
6.º – Cadete C. Cabral, 246 pontos;
8.º – Cadete C. Campos
9.º – Cadete M. Mendes

Sanches Oliveira
1.º-tenente

CURIOSIDADES

OS NOMES DAS PESSOAS

Os nomes das pessoas, mesmo sendo pouco vulgares, podem não despertar muita atenção quando tratados isoladamente. No entanto, esses mesmos nomes podem tomar aspectos de certo modo curiosos quando considerados em conjunto ou associados de determinadas maneiras.

Num dos navios da nossa Armada, com cerca de cem homens de guarnição, verificou-se existirem 13 Silvas e 9 Rodrigues, o que prova que esses apelidos são muito comuns entre os portugueses. Entretanto, havia mais os seguintes:

7 Santos	
5 Jesus	1 Soldadinho
1 Cristo	4 Augusto
2 Cruz	4 Domingos
1 Santo António	1 Reis
1 Espírito Santo	1 Infante
1 Trindade	3 Ribeiros
1 Bispo	1 Águas
1 Reverendo	1 Borda d'Água
1 Frade	2 David
1 Fradinho	1 Mateus
1 Parente	1 Moisés
1 Primo	1 Josué
1 Neto	1 Pato
2 Carvalhos	1 Pinto
2 Oliveiras	1 Coelho
2 Pereiras	1 Rato
1 Perinhas	1 Leitão
1 Guerra	1 Cabrito
1 Guerreiro	1 Bacalhau

Dias Figueiredo
Cap. ten.

CURIOSIDADES MATEMÁTICAS

Certas formas algébricas, cuja demonstração matemática é por vezes difícil podem ser demonstradas visualmente de maneira simples e imediata por processos geométricos. Vejamos três exemplos:

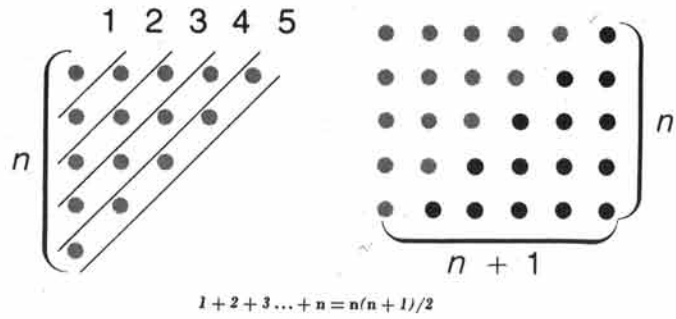


Figura 1

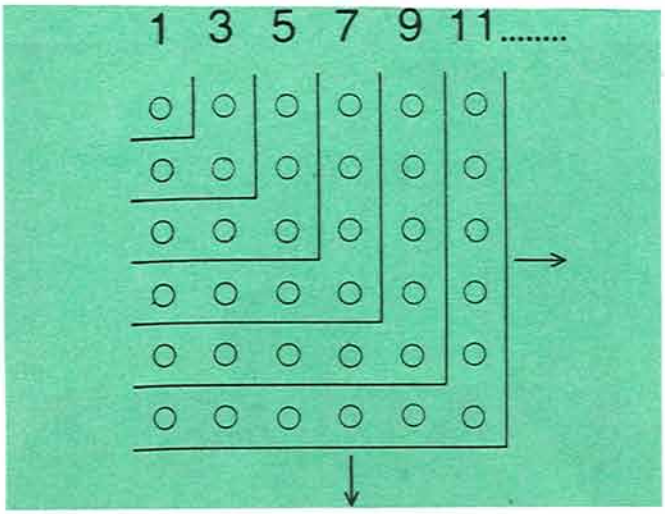
1.º – A soma dos *n* primeiros números inteiros positivos é metade do produto do último pelo que se lhe seguiria. Em equação será:

$$1+2+3+4+5+\ldots.\ n = \frac{n(n+1)}{2}$$

Os *n* primeiros números inteiros positivos podem ser representados pelos pontos da formação triangular da esquerda da figura 1. Se juntarmos outra formação igual a esta podemos arranjar um rectângulo de pontos com o aspecto do que se apresenta na parte direita da mesma figura. Ora esse rectângulo tem, dum lado *n* pontos e do outro (n + 1). O número total de

pontos será pois n (n+1). Metade disso é a totalidade dos pontos da primeira formação triangular correspondente à soma que queríamos.

A estas somas de números inteiros consecutivos chamavam os gregos números triangulares pois já conheciam esta propriedade.



A soma dos primeiros n *números ímpares é* n^2.

Figura 2

2.º – A soma dos n primeiros números ímpares inteiros é n^2. Por exemplo: $1+3+5+7+9+11=6^2$ para o caso dos 6 primeiros números ímpares. Os números ímpares sucessivos podem ser representados por conjuntos de pontos com a disposição que nos mostra a figura 2. O arranjo toma como se vê a forma de um quadrado, que no caso da figura corresponde aos 6 primeiros números ímpares. Como se trata de um quadrado de 6×6, o número total de pontos será 6^2. A construção será válida para qualquer número n de ímpares consecutivos a partir de 1.

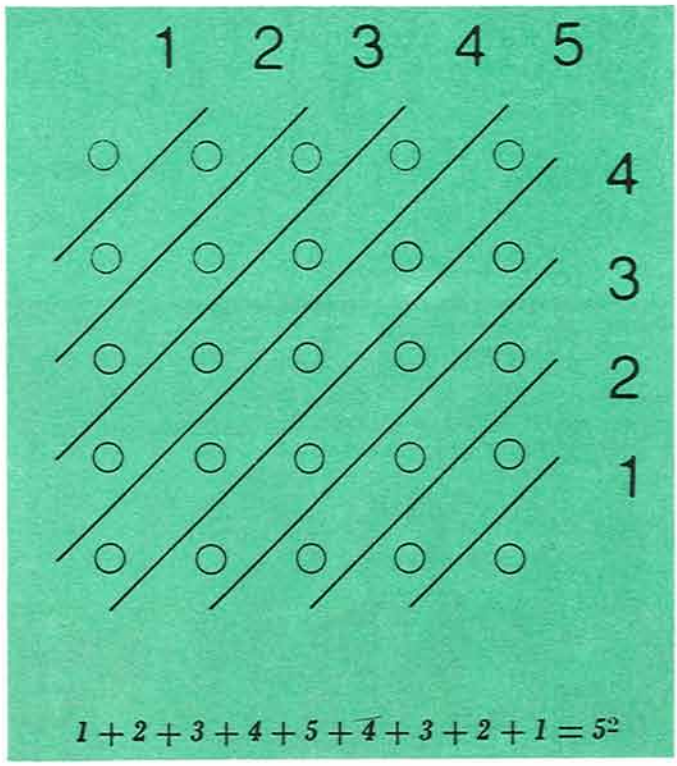


Figura 3

3.º – A soma dos n primeiros números inteiros adicionada à mesma série em ordem decrescente é n^2. Matematicamente seria $1+2+3+...+(n-1)+n+(n-1)+....+3+2+1=n^2$.

A figura 3 mostra um arranjo de pontos correspondente à soma que se pretende no caso dos cinco primeiros números inteiros.

Esse arranjo toma a forma de um quadrado que tem de lado cinco pontos. A soma total será portanto 5^2. A construção é válida para qualquer série de n números.

O. Lemos
Cap.-frag.

CURIOSIDADES NUMÉRICAS

$1 \times 9 + 2 = 11$
$12 \times 9 + 3 = 111$
$123 \times 9 + 4 = 1111$
$1234 \times 9 + 5 = 11111$
$12345 \times 9 + 6 = 111111$
$123456 \times 9 + 7 = 1111111$
$1234567 \times 9 + 8 = 11111111$
$12345678 \times 9 + 9 = 111111111$
$123456789 \times 9 + 10 = 1111111111$

$1 \times 8 + 1 = 9$
$12 \times 8 + 2 = 98$
$123 \times 8 + 3 = 987$
$1234 \times 8 + 4 = 9876$
$12345 \times 8 + 5 = 98765$
$123456 \times 8 + 6 = 987654$
$1234567 \times 8 + 7 = 9876543$
$12345678 \times 8 + 8 = 98765432$
$123456789 \times 8 + 9 = 987654321$

$65359477124183 \times 17 \times 1 = 1111111111111111$
$65359477124183 \times 17 \times 2 = 2222222222222222$
$65359477124183 \times 17 \times 3 = 3333333333333333$
$65359477124183 \times 17 \times 4 = 4444444444444444$
$65359477124183 \times 17 \times 5 = 5555555555555555$
etc.

P. Basto Carreira
Cap. m. g. RA

O MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS

Na madrugada do dia 25 de Abril, as Forças Armadas desencadearam uma série de operações militares visando derrubar o regime vigente. As operações foram coroadas de êxito, tendo sido destituído o Presidente da República e deposto o Governo, sendo criada a Junta de Salvação Nacional, presidida pelo general António de Spínola e dela fazendo parte os generais Costa Gomes e Manuel Diogo Neto, o brigadeiro Jaime Silvério Marques, o capitão-de-mar-e-guerra José Baptista Pinheiro de Azevedo, o coronel Galvão de Melo e o capitão-de-fragata António Alva Rosa Coutinho.

N. N. – *Dado que este número da Revista estava já pronto para a impressão, apenas foi possível incluir a presente reportagem sobre o Movimento das Forças Armadas.*

NOVO CHEFE DO ESTADO-MAIOR DA ARMADA

No passado dia 30 de Abril, na Casa da Balança, tomou posse do cargo de chefe do Estado-Maior da Armada o vice-almirante José Baptista de Pinheiro Azevedo, que no dia 26 do mesmo mês havia assumido aquelas funções, após o Movimento das Forças Armadas.

Assistiram ao acto alguns membros da Junta de Salvação Nacional, nomeadamente o general António de Spínola (presidente), general Costa Gomes (chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas), general Jaime Silvério Marques (chefe do Estado-Maior do Exército) e o capitão-de-fragata António Alva Rosa Coutinho. Presentes quase a totalidade dos oficiais generais da Armada e elevado número de oficiais superiores e subalternos dos vários serviços e unidades da Marinha de Guerra.

SESSÃO PLENÁRIA DO CENTRO DE ESTUDOS DE MARINHA

Sob a presidência do contra-almirante Sarmento Rodrigues, decorreu no dia 20 de Fevereiro mais uma reunião plenária do Centro de Estudos de Marinha a que deram o seu concurso os presidentes das duas secções, professor Hernâni Cidade e capitão-de-mar-e-guerra EMQ Rodrigues dos Santos; o secretário-geral, capitão-de-mar-e-guerra Teixeira da Mota, e os secretários das secções, engenheiro Viriato de Campos e capitão-de-mar-e-guerra Silva Gameiro.

sos académicos, oficiais da Armada e outros convidados.

Proferiu uma comunicação o professor Hernâni Cidade que, sob o título «Fernão de Oliveira», *Uomo Universale* era também filólofo. O português que, segundo ele, se falava no seu tempo», aludiu aos trabalhos linguísticos do padre Fernando de Oliveira e à projecção que os mesmos tiveram no estudo da ortografia e fonética portuguesas.

Entre a assistência viam-se numero-

CONFRATERNIZAÇÃO DO RECRUTAMENTO DE 1948

Com grande número de «filhos da escola» e muitos familiares, realizou-se, em 3 de Março passado, mais um almoço de confraternização deste recrutamento.

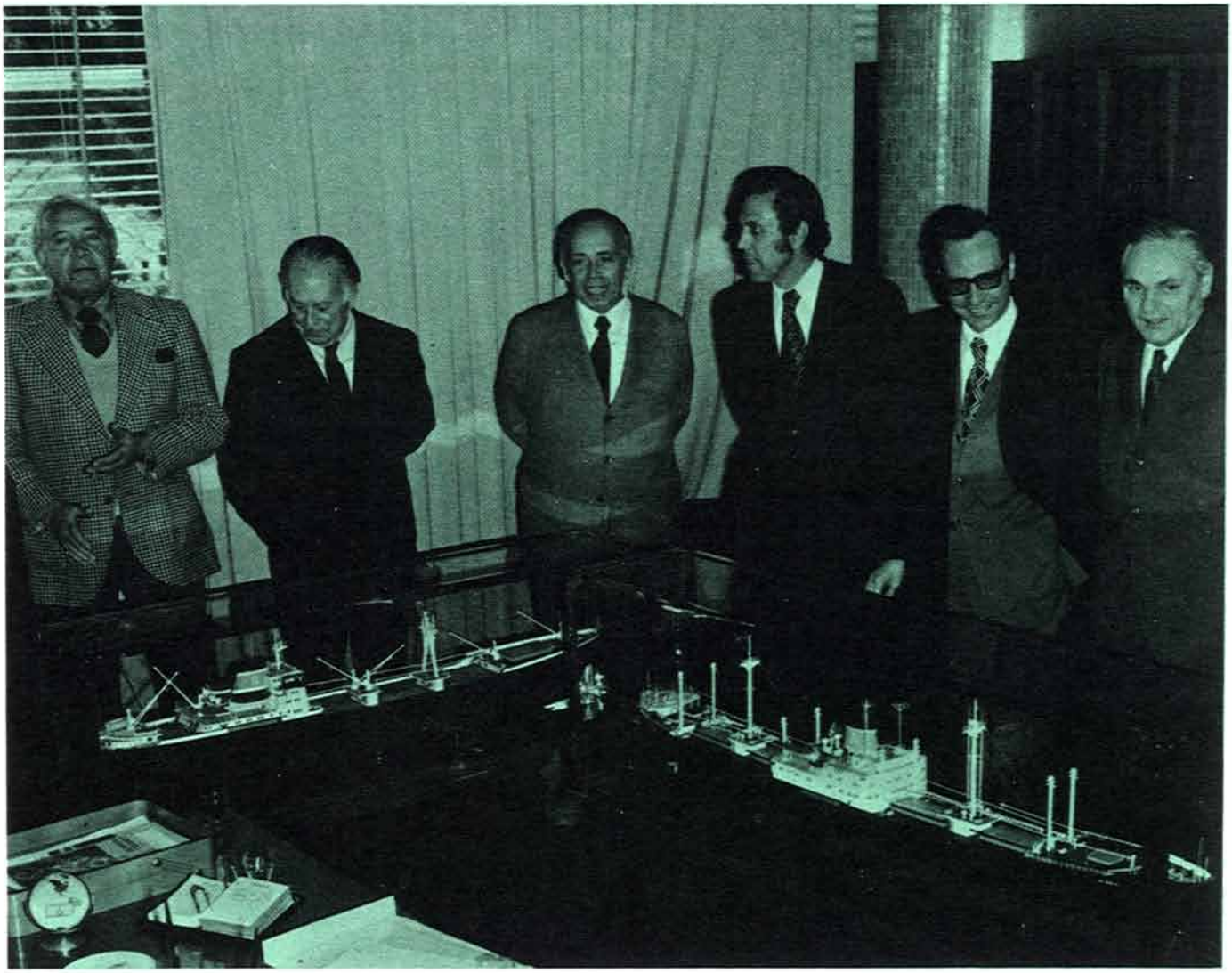
O repasto, que teve lugar no restaurante «A Grande Churrasqueira», do Campo Grande, em Lisboa, decorreu em ambiente de grande entusiasmo e sã camaradagem, com recordações saudosas dos anos vinte.

Foi guardado um minuto de silêncio pelos já falecidos e nomeada a comissão incumbida de organizar a próxima confraternização a realizar em Março de 1975.

MODELOS DE NAVIOS OFERECIDOS AO MUSEU DE MARINHA

Para figurarem na Sala da Marinha Mercante foram oferecidos ao Museu de Marinha no passado dia 6 de Março, os modelos dos navios «Porto Amélia» e «N'Gola», das Companhias Moçambicana de Navegação e de Navegação Angolana, respectivamente, associadas da Companhia Nacional de Navegação.

Ao acto de entrega compareceu o engenheiro João Rocheta, presidente do conselho de administração da Com-



panhia Nacional de Navegação e, representando aquelas duas companhias, o dr. Daniel Tavares, presidente do conselho de administração da Companhia Moçambicana de Navegação e o comandante Barbosa Viana, administrador da Companhia de Navegação Angolana.

A cerimónia decorreu no gabinete do director do Museu, contra-almirante Correia Guedes, que manifestou aos representantes daquelas companhias o seu regozijo pelas ofertas feitas que assim vêm enriquecer o património do Museu de Marinha.

Também no dia seguinte, a Empresa de Navegação Madeirense, Lda., fez oferta dos modelos de duas unidades da sua frota, o «Funchalense» e o «Madeirense», bem como de um quadro a óleo recordando o primeiro navio da companhia, o «Nossa Senhora da Conceição», torpedeado durante a I Guerra Mundial.

REUNIÃO DE CURSOS NA ESCOLA NAVAL

Teve lugar no dia 7 de Março na Escola Naval uma reunião de confraternização de elementos componentes de três antigos cursos de oficiais da Armada. Iniciativa louvável, já que evidencia bem a dedicação que estes oficiais consagram à sua Corporação, a reunião compôs-se de cerimónias

simples: missa na capela da Base Naval, almoço de confraternização e uma conferência aos alunos feita pelo contra-almirante Sarmento Rodrigues sobre uma viagem do aviso «Bartolomeu Dias» ao Golfo Pérsico e a primeira passagem deste navio no Chat-el-Arab.

Os oficiais destes cursos foram recebidos e acompanhados durante a sua presença na Escola Naval pelo respectivo comandante, comodoro Barahona Fernandes.

O MINISTÉRIO DA MARINHA AMPLAMENTE REPRESENTADO NA NAUTICAMPO-8

A Nauticampo-8 contou com grande número de expositores nacionais e estrangeiros, organismos oficiais, associações desportivas e turísticas, federações de actividades submarinas, campismo e motonáutica.

O Ministério da Marinha teve este ano larga e importante representação de algumas das suas actividades, expressas em vários pavilhões implantados na Feira: do Aquário Vasco da Gama, Clube Náutico de Oficiais e Cadetes da Armada, Direcção-Geral de Faróis, Fábrica Nacional de Cordoaria, Instituto Hidrográfico, Instituto de Socorros a Náufragos, Museu de Marinha e Comissão Nacional contra a Poluição do Mar, tendo-se

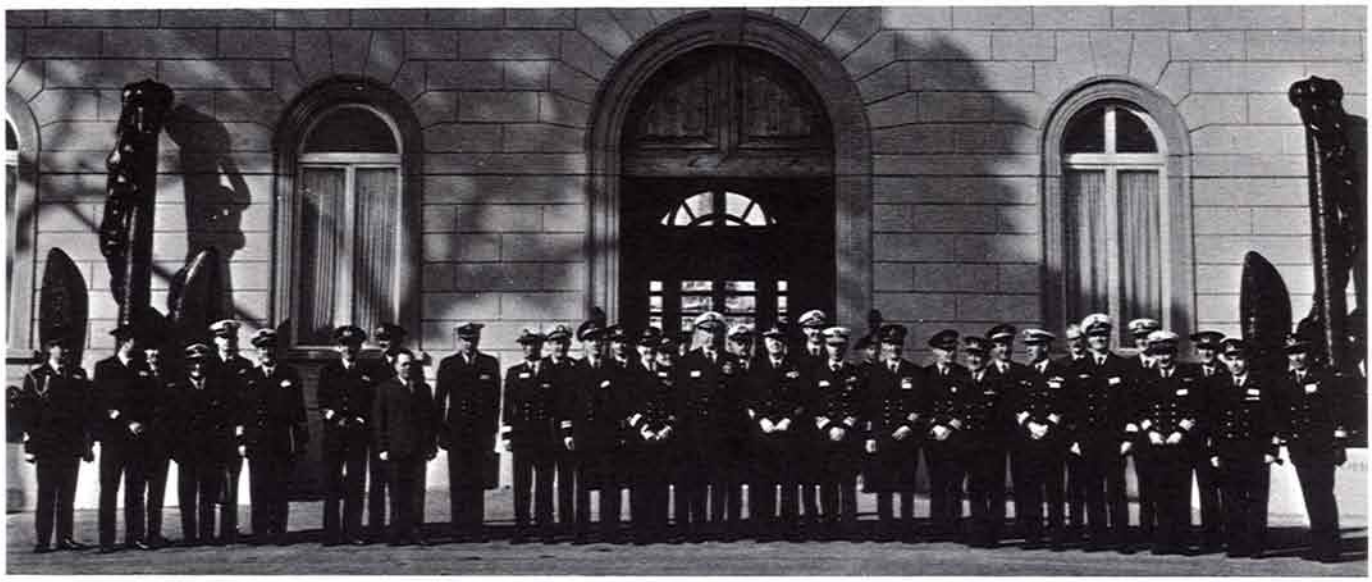
igualmente feito representar a nossa Revista com um pavilhão expressamente construído para o efeito.

À semelhança do ano transacto o Instituto de Socorros a Náufragos fez montar em pavilhão especial uma piscina em que foram efectuadas durante o certame sessões orientadas por técnicos daquela instituição, demonstrando praticamente operações de salvamento, de modo a elucidar o público assistente das situações de dificuldade em que se pode vir a encontar quando, dentro de água, piscina, mar ou rio, deixou de cumprir as regras de segurança que a todos convém respeitar; estas sessões, acompanhadas pela projecção de filmes e «slides» alusivos, foram completadas com o ensinamento de primeiros socorros e tiveram numerosa assitência, calculando-se em cerca de 30 000 o número de jovens que, com a colaboração do Secretariado para a Juventude, assistiram às demonstrações ali realizadas.

COMUNHÃO PASCAL DA ARMADA

Teve lugar no dia 10 de Março na Sé Patriarcal de Lisboa a tradicional festa pascal dos militares da Armada. A cerimónia litúrgica foi orientada pelo chefe do Serviço de Assistência Religiosa da Armada, capelão graduado em capitão-de-fragata Ferreira de Melo, tendo celebrado a missa o capelão graduado em capitão-tenente Gonçalves Pereira.

Os militares participantes e seus familiares reuniram-se depois da cerimónia religiosa nos claustros da Sé, onde foi servido um pequeno-almoço que decorreu em ambiente de autêntica confraternização cristã.



1.ª CONFERÊNCIA DOS COMANDANTES DAS ACADEMIAS NAVAIS DA EUROPA E DO ATLÂNTICO NORTE

Na Academia Naval de Livorno, Itália, teve lugar, de 13 a 15 de Março, a 1.ª Conferência dos Comandantes das Academias Navais da Europa e do Atlântico Norte. Participaram na Conferência a Alemanha Federal, a Bélgica, a Dinamarca, a Espanha, a França, a Grécia, a Holanda, a Inglaterra, a Itália, a Noruega, Portugal e os E. U. A.

Portugal fez-se representar pelo comandante da Escola Naval, comodoro Barahona Fernandes.

JURAMENTO DE BANDEIRA NO GRUPO N.º 1 DE ESCOLAS DA ARMADA

No dia 22 de Março, 950 recrutas, voluntários e alunos da Reserva Marítima, constituindo a 1.ª incorporação do corrente ano, prestaram o seu juramento de bandeira numa cerimónia presidida pelo director do Serviço do Pessoal, comodoro Tengarrinha Pires, com a assistência do comandante da unidade, capitão-de-mar-e-guerra Almeida d'Eça, e do chefe da 1.ª Repartição da Direcção do Serviço de Instrução, capitão-de-fragata Loureiro Barbosa, assim como de outras entidades civis e militares. Depois da leitura da fórmula do juramento de bandeira por todos repetida, foi entoado o hino nacional, desfilando seguidamente o batalhão escolar e encerrando a cerimónia com demonstrações de manejo de arma e de preparação física.

O 1.º-SARGENTO GONÇALVES DA SILVA EXPÔS A SUA COLECÇÃO DE ARMORIAL E ARTESANATO DO ULTRAMAR

Pelo presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, tenente-coronel Vargas de Matos, foi inaugurada no dia 23 de Março na Biblioteca-Museu Dr. Vidal Baptista, daquela vila, uma exposição denominada «Armorial e Artesanato do Ultramar», do coleccionador José Gonçalves da Silva, 1.º-sargento L da Armada.

A mostragem, com cerca de trezentas peças coleccionadas «in loco» por aquele sargento, foi acolhida com vivo interesse, confirmado pelo elevado número de visitantes que registou os

quais apreciaram os mais curiosos trabalhos artesanais dos povos do Norte de Angola, dos Macondes de Moçambique e, ainda, da maioria das províncias de além-mar. Bem enquadrado no conjunto, um elevado número de armas e brasões de muitas cidades e vilas de Cabo Verde, da Guiné e de S. Tomé.

A exposição encerrou no dia 30, tendo o coleccionador sido muito felicitado pela quantidade, qualidade e beleza das peças expostas.

quarto de folga

FALTA DE OUVIDO PARA BOFETADAS

Contaram-me esta. Aí vai.

Aqui há tempos existiu um exemplar humano que enveredou pela vida pouco recomendável de trapaceiro e burlão, vendo-se até obrigado a raspar-se para o Brasil pelas dívidas contraídas a este e àquele, que tornaram insuportável a permanência em Portugal.

Regressou anos mais tarde, quando julgou tudo, senão esquecido, pelo menos desarticulado na capacidade de o chamarem à responsabilidade e passou a exibir-se pelo Chiado com aspecto abastado de «Lord-Pechincha», bem vestido e normalmente «dependurado» num charuto de boa qualidade, que lhe emprestava toda a petulância que carecia para enganar impressionáveis.

Realmente, a maioria dos credores, quer por inércia, quer por comodidade e desprezo, não lhe ligaram, mas um, nada propenso ao conformismo, uma bela tarde, vendo-o pavonear-se pomposo na descida do Chiado, embargou-lhe o passo e interpelou-o no seguinte género:

– Ouça lá, ó meu este, ó meu aquele, V. anda p'raí a saracotear-se e a irritar o «indígena» e não se lembra ainda que a paciência tem limites? V. já se esqueceu do dinheiro que nos deve? Quando é que quer pagar? Que resposta tem para estas perguntas? Olhe, para já, pegue lá o «troco» daquilo que não pagou...

E, juntando à palavra aquilo que restava da sua indignação, ferrou-lhe duas valentíssimas bofetadas na cara.

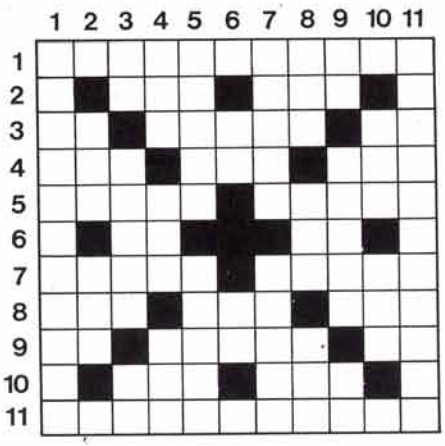
É claro que o charuto voou e a cara do homem entrou num característico precipitado vermelho de tomate, bem ajustado às circunstâncias.

Seguiu-se a natural expectativa. Quando se esperava uma reacção pelo menos igual e contrária, como manda a boa Física, ouviram-se, com um tom calmo e até cortês, as seguintes falas da vítima:

– Não percebi nada do que o Senhor disse porque sou surdo e hoje não trago o meu aparelho de pôr no ouvido. Eu sem o aparelho não ouço nada. Sabe, eu sou tão surdo que nem *ouvi as bofetadas* que V. me deu!

Capt. Zuzara

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1 – Pessoa que naufraga. 2 – Espécie de albufeira; reza. 3 – José (pop.); odor; apelido. 4 – Nome feminino; pega; árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. 5 – Pouco espessos; medida de tempo (pl.) (inv.). 6 – Átomo (abrev.); alto aí. 7 – Grupo de três; troncos de madeira (inv.). 8 – Seguias; decâmetro quadrado; Deus dos maometanos. 9 – Consoante repetida; género de plantas a que pertence a urze; aparência. 10 – Capa sem mangas; o mesmo que pau-ferro. 11 – Que têm ossos.

VERTICAIS: 1 – Doutrina dos Nazaristas. 2 – Eia; chefe etíope. 3 – Pátria de Abraão; içais; artigo (pl.). 4 – Vende a crédito; base aérea portuguesa; prefixo de origem grega. 5 – Invulgares; faces (inv.). 6 – Artigo (pl.); troça. 7 – Cola espessa (pl.); fábrica de cimento. 8 – Lavra; uno; liga – Cont prep. com art.; balela; entrega (ino). 10 – Puro; remoinho de água. 11 – Fazeres malhetes.

Manuel Carneiro

(Solução na pág. 34) **Mar. FZ**

ARITMOGRAFIA

	-	4	+		:		= 3
x	■	+	■	x	■	+	■
2	x		-		+		= 3
+	■	x	■	:	■	+	■
	+		+	2	-		= 3
-	■	+	■	+	■	+	■
	x		+		-	3	= 3
= 8	■	= 8	■	= 8	■	= 8	■

Complete os espaços em branco com os algarismos correspondentes aos cálculos aritméticos a que respeitam os totais mencionados na coluna da direita e na linha de baixo.

M. Horta

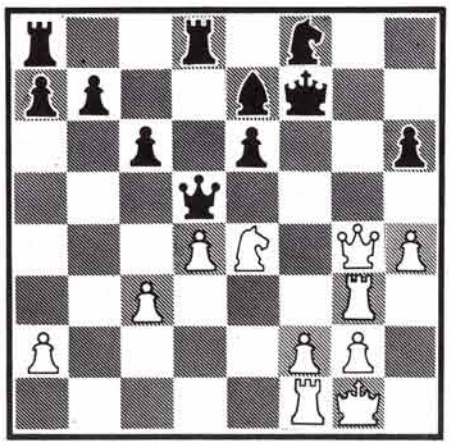
(Solução na pág. 34) *Sarg.-aj. L*

MÁXIMA CHINESA

Se tivesse que escolher uma frase para resumir toda a minha filosofia, diria: não deixes que o mal entre nos teus pensamentos.

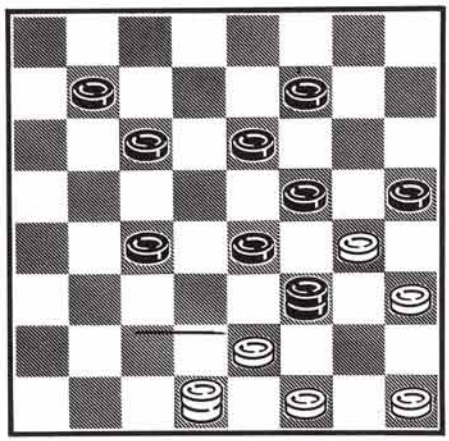
Confúcio

XADREZ



Jogam as brancas e dão mate em 4 lances. *(Solução na pág. 34)*

DAMAS *(Solução na pág. 34)*



As brancas jogam e ganham

CONCURSO N.º 32

Sorteio de um prémio entre as respostas certas.

Quem foi o ilustre português que foi degredado para a Índia portuguesa numa expedição composta por cinco naus, tendo-se uma delas incendiado no rio Tejo, antes da largada?
Como se chamava a nau onde embarcou?
E quem chefiava a referida expedição?

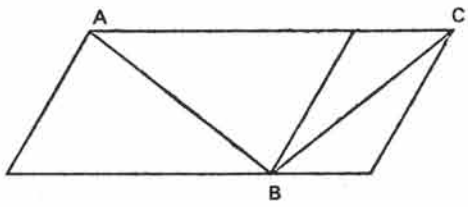
D. Capelinha
Cabo M

Despenseiro às compras.
– Onde é que haverá óleo?

(Desenho de Ferreira Barbosa 1.º-ten.)

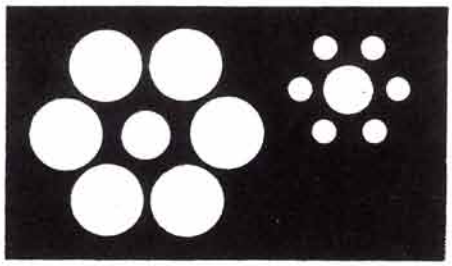
ILUSÕES DE ÓPTICA *(Solução na pág. 34)*

I



Qual o segmento de recta maior, AB ou BC?

II

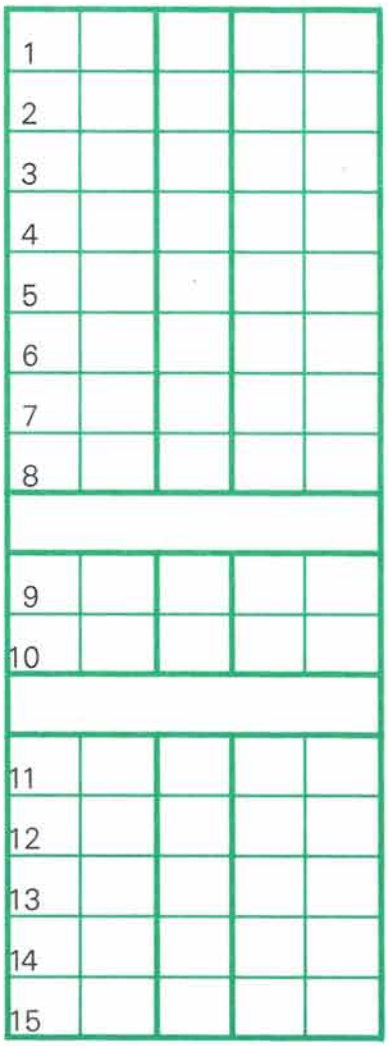


Qual dos círculos centrais é o maior?

III

Qual a maior área branca?

PILHA DE PALAVRAS



1 – Mofo. 2 – Instrumento com que se abrem buracos circulares. 3 – Mocho. 4 – Derrotar. 5 – Capuz. 6 – Feiticeira. 7 – Origem. 8 – Ilha de Cabo Verde. 9 – Espaço de dois anos. 10 – Esteiro. 11 – Embocadura de instrumento de sopro. 12 – Grosseiro. 13 – Pessoa de mau carácter (pop.). 14 – Verruga na pele. 15 – Antiga medida de comprimento equivalente a 2,2 metros.

Depois de resolvido este passatempo, o leitor encontrará, na coluna central, o nome de um oficial da Armada que foi professor, investigador e escritor notável pelos seus trabalhos publicados sobre a ciência náutica dos portugueses da época dos Descobrimentos e nos tempos modernos.
Este passatempo apresenta a particularidade das palavras se iniciarem pela letra «B».

SEASA
Cabo aux. RA

SOLUÇÕES

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 – naufragante. 2 – Ria; ora. 3 – Zé; aroma; Sá. 4 – Ana; asa; aal. 5 – Ralos; saroh. 6 – At; tá. 7 – Trias; sorot. 8 – Ias; are; Alá. 9 – Ss; erica; ar. 10 – Opa; ita. 11 – Ossiculados.

VERTICAIS: 1 – Nazaritismo. 2 – Ena; rás. 3 – Ur; alais; os 4 – Fia; Ota; epi. 5 – Raras; sarac. 6 – Os; ri. 7 – Gomas; Secil. 8 – Ara; ato; ata. 9 – Na; arara; ad. 10 – São; ola. 11 – Emalhetares.

ARITMOGRAFIA

HORIZONTAIS:

(4 − 4) + 6 : 2 = 3
2 × 2 − 2 + 1 = 3
(2 + 1) + 2 − 2 = 3
2 × 2 + 2 − 3 = 3

VERTICAIS:

4 × 2 + 2 − 2 = 8
(4 + 2) × 1 + 2 = 8
6 × 2 : 2 + 2 = 8
(2 + 1) + 2 + 3 = 8

XADREZ

BRANCAS

Dg 7 / ch
Dx e7 /ch
Tg 7 /ch
Cf 6 /ch M.

PRETAS

R e8
R x e7
R e8

ILUSÕES DE ÓPTICA

I – Os dois segmentos de recta têm exactamente o mesmo comprimento.

II – São absolutamente iguais.

III – As zonas brancas têm áreas iguais.

DAMAS

BRANCAS	PRETAS
1 - 5	10 - 1
6 - 10	14 - 5
3 - 16	17 - 10

16 - 30 - 17 - 6 - 24 - 31 – e ganham

PILHA DE PALAVRAS

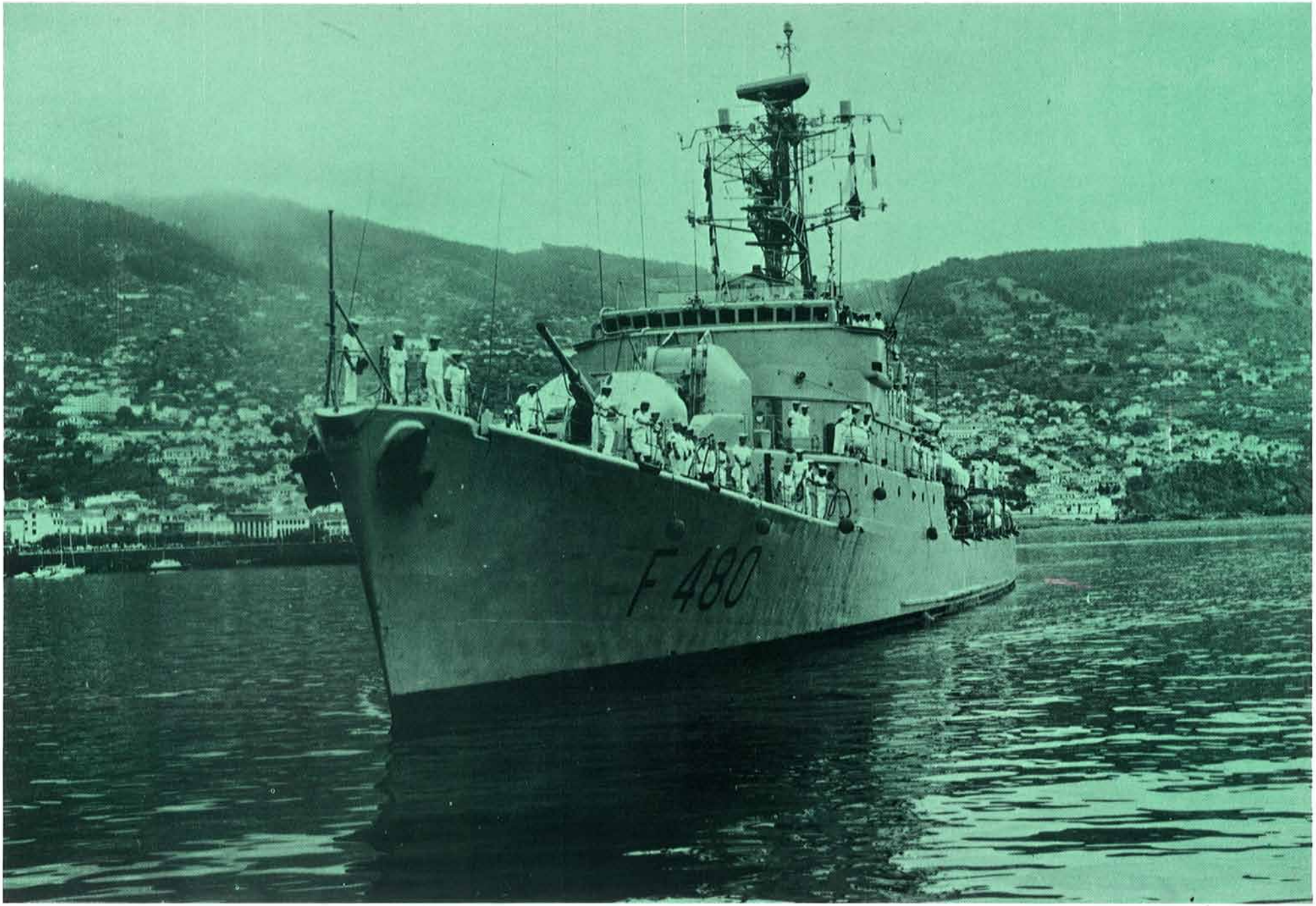
1 – Bafio. 2 – Broca. 3 – Banco. 4 – Bater. 5 – Bioco. 6 – Bruxa. 7 – Berço. 8 – Brava. 9 – Bíduo. 10 – Braço. 11 – Bocal. 12 – Broma. 13 – Bisca. 14 – Botão. 15 – Braça.

(Fontoura da Costa)

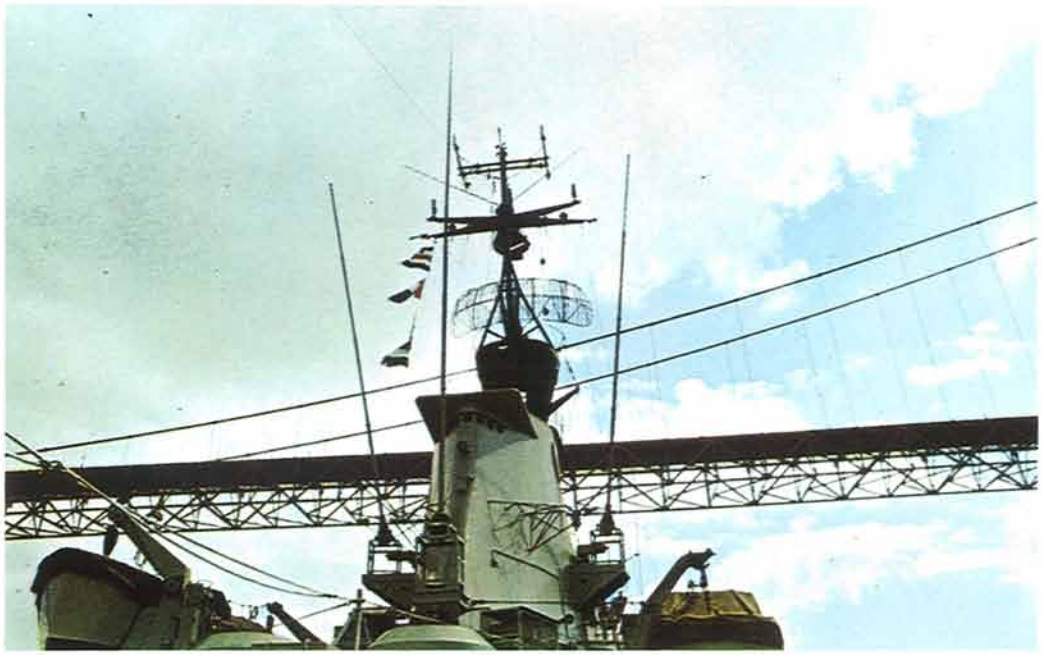
SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 30

Setúbal, Portimão, Nacala, Ponta Delgada, S. Vicente, Dili, Luanda, Leixões, Beira, Funchal, Macau, Bafatá, Praia e Lagos.

VENCEDOR: Vítor Lourenço, Mar. C n.º 968/70. Estação Radionaval de Angra do Heroísmo.



A fragata «Comandante João Belo» manobrando na maravilhosa baía do Funchal. *(Foto do guarda-marinha EMQ Costa Ramos)*



A fragata «Pero Escobar», no regresso duma saída, passa sob a Ponte sobre o Tejo.

Belezas no fundo do mar!
(Foto cedida pela F. P. A. S.)

O navio-escola «Sagres» navegando com bom vento.